

## UMA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NAS PORTAS DE BRAGA DA VILA DE PONTE DE LIMA

Carlos A. Brochado de Almeida\*  
Sandra Raquel da Silva Rodrigues\*\*

### ABSTRACT:

This archaeological intervention meant to discover a missing part of the walls from Ponte de Lima and, specifically, one of his emblematic entries: the Portas de Braga. Through it went on all the traffic that proceeded from the city of Braga, using the ancient roman road Bracara-Limie-Tude. In the excavated area, limited to a yard, the team of archaeologists could only discover two compartments belonging to a house with a wine press. This building made part of a farmhouse located nearby the city walls. The ceramic materials found, combined with written documentation, lead to a chronology posterior to the XVI century.

### 1 - INTRODUÇÃO

Desde o período romano que Ponte de Lima foi um ponto fulcral no eixo viário que fazia a ligação entre a Galiza e o coração do Minho, isto é, Braga.

De acordo com o Itinerário de Antonino os romanos haviam construído junto ao Rio Lima uma consistente ponte de pedra e a primeira das várias *mansio* que constavam da Via XIX, na sua ligação entre Bracara Augusta (Braga) e Asturica Augusta (Astorga) por Tude (Tuy). Chamava-se este local de descanso e de muda de cavalos, mui justamente, *Limia*. A sua localização efectiva, apesar de não estar ainda criteriosamente definida – já foi apontado como local previsível a capela de Santo Amaro em Fornelos (Almeida, 1979) – parece inclinar-se para o perímetro da actual vila, onde começam a aparecer suficientes vestígios conotados com o mundo romano (B. Almeida, 1990, 201-205). Uma das razões mais consistente para a localização da *mansio* Limia no actual perímetro da vila é a presença física da ponte e o entroncamento de duas vias romanas: a via XIX e uma outra secundária que servia o vale da Facha mais as localidades da Seara e da Correlhã (B. Almeida, 1996, VII).

A importância desta passagem no Lima – era a única ponte que permitia o transbordo seguro de pessoas e bens entre a foz do rio e o interior raiano - perdurou para lá do fim da

\* Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Via Panorâmica, s/nº - 4150-564 Porto.

\*\* Arqueóloga da Câmara Municipal de Ponte de Lima.

dominação romana. Cedo esta região foi presurada e povoada. A afirmação deste burgo é já um facto ao longo dos primeiros séculos do 2º milénio. Para isso contribuiu o crescimento económico de uma população que vivia da agricultura e da circulação comercial, esta a fazer-se pelo rio e sobretudo pela ponte.

D. Teresa concedeu-lhe foral em 1125 e legitimou a feira que então já aí se fazia à sombra dos arcos da velha ponte romana. Dois séculos andados, em meados do séc. XIV, D. Pedro I – há já quem avente a hipótese de ter sido D. Dinis o iniciador da obra - enobreceu-a com uma ponte mais comprida e funcional que a sua antecessora, que sabiamente foi respeitada e uma cerca que se presumia defensiva em momentos de actividade bélica. Com o perigo militar ausente ou distante, cerca e ponte fortificada por duas poderosas torres – Torre Velha de Santo António e Torre dos Grilos - sempre iam servindo para legitimar o estatuto de um aglomerado populacional que, num crescendo, se ia rentabilizando economicamente nos impostos cobrados sobre o trânsito viário e na venda de produtos.

Foi no reinado de D. Pedro I que o burgo de Ponte de Lima começou a ser rodeado de um sistema defensivo – foi terminado já com D. Fernando (Lemos, 1936, 34) - composto por uma cerca, entremeada de nove torres e porta, com um perímetro a rondar os 1033 metros (Barroca, 1999, II, 1735), e cuja forma real se aproximava, bastante, de um círculo irregular. De acordo com uma inscrição, primitivamente incrustada na fachada da Torre Velha de Santo António, mas que depois foi deslocada para o espaço contíguo à Igreja da Misericórdia (Lemos, 1938, 24), de onde foi transferida para junto da Igreja de Santo António da Torre Velha, a construção da muralha e torre iniciou-se em 1359. Nesse aspecto é taxativo Mário Barroca, que, ao fazer a revisão do texto epigráfico, acabou por desfazer muitos equívocos até aí alicerçados em deficientes leituras e interpretações. De acordo com a sua interpretação, D. Pedro I “...mandou cercuar esta vila e/ fazer tor(r)/es...” tendo-se iniciado os trabalhos “...a britar a pedra VIII dias de [Ma]rço e comecarom a fundar VI dias de Julho” (Barroca, 1999, II, 1735).

Na primitiva estrutura defensiva da vila cabiam nove torres - Carvalheira, Pereiras, Esgri-ma, S. João, Ponte ou Grilos, S. Paulo ou Expectação, Souto, Castelo e Braga – e seis portas, a saber: S. João, Ponte, Postigo ou de S. Paulo, Souto, Menagem e de Braga. Às torres mais antigas dever-se-ão ainda juntar a Torre da Cadeia e a Torre da Pólvora. O epíteto desta última adveio-lhe do facto de aí se terem armazenado as munições destinadas aos confrontos que se adivinhavam nas Guerras da Restauração (Lemos, 1938, 30).

Nas portas, a de abertura mais recente é a Porta Nova, rasgada na muralha, num ponto adjacente à Torre da Cadeia. Esta foi mandada fazer por D. Manuel, para que nela se guardassem os presos. A sua conclusão data de 1511 e foi sabiamente erguida num lanço de muralha que apresentava certas deficiências defensivas. O pano de muralha entre as torres de S. Paulo e do Souto era demasiado extenso e vulnerável caso a vila fosse atacada por uma força hostil, vinda do lados do Rio. Se nessa perspectiva se impunha um tal reforço, por outro era óbvio que a concentração de casas no quarteirão da Judiaria e na Rua do Linhar (Andrade, 1990,40-48), implicava uma saída para o exterior, sem que esta fosse, obrigatoriamente pela Porta do Postigo, junto à Torre de S. Paulo ou pela Porta da Torre do Souto ou de São Benedito, assim chamada porque ali havia uma imagem desse santo de origem siciliana.

O burgo, que se estruturou ao longo da Idade Média, cresceu em torno da Igreja Matriz e dos principais eixos urbanos, alguns de extraordinário interesse viário.

No séc. XV o principal eixo urbano da vila orientava-se no sentido sul-norte, através das Ruas do Souto, Rua de Trás da Igreja, Rua dos Mercadores, Rua Direita e Rua de S. João. A entrada na vila fazia-se, para quem vinha de Barcelos e ou Porto, pela Porta do Souto, enquanto

a saída para Ponte da Barca e Arcos de Valdevez estava assegurada pela Porta de S. João. Ao longo daquele século, este eixo viário já estava intensamente ocupado com casas de habitação, algumas adegas e bastantes casas de comércio. Imagem mais ou menos análoga tinha o eixo nascente-poente, numa articulação clara com o anterior. Começava na Porta de Braga e ao chegar à Rua do Carrazido e respectiva travessa, flectia para as Ruas da Carniçaria e da Triparia, alcançando deste modo a Rua da Ponte e concomitantemente a porta que dava acesso à ponte sobre o Rio Lima, a Torre dos Grilos. A importância deste traçado foi crescendo ao longo do século seguinte, pois estava aí a Fonte da Vila e junto a ele nasceu o edifício dos Paços do Concelho (Lemos, 1938, 54).

O urbanismo da vila poucas alterações sofreu até ao séc. XVIII, altura em que começou a derrubar-se a muralha que a cercava. A notícia mais antiga desta efeméride data de 1788, ano em que foi derrubado, entre a Torre das Pereiras e a Torre das Carvalheiras, o troço de muralha que se encontrava já seriamente danificado. Em sua substituição foi solicitada, pelos moradores das propriedades confinantes, a construção de um muro que impedisse a sua devassa por parte das águas que escorriam de parcelas mais elevadas e sobretudo dos ladrões que facilmente se poderiam aproveitar da cobertura vegetal da vizinha azinhaga. O muro então erguido com a pedra da muralha ainda visível entre a capela das Pereiras e a Casa da Carvalheira, tem tanta semelhança com a antiga defesa que frequentemente leva, mesmo os mais atentos, a considerá-lo como um tramo bem conservado do antigo perímetro amuralhado de Ponte de Lima.

Todo o trânsito da estrada de Braga fazia a sua entrada na vila pela Porta de Braga. O acesso mais próximo, extra-muros, fazia-se pela da Travessa e Largo dos Quartéis, onde se situava o Hospital de S. João de Deus (Lemos, 1938, 58; Araújo, 1962, 98), consoante o comprova a imagem em pedra de S. João de Deus, obra do séc. XVII. Antes da sua incorporação no perímetro urbano da vila, o espaço que se estendia para nascente e sul estava ocupado com herdades, cortinhas e vinhas, como aquela que está bem explícita na inquirição régia que foi feita aos proprietários da vila em 1412: “*alvaro pita escudeiro traz hua vinha da Igreja da dicta vila a porta de braga...*” (Andrade, 1990, 233), sem esquecer as *herdades do olho marynho* que ladeavam a velha via romana a nascente da Travessa dos Quartéis.

O desmantelamento da Torre da Porta de Braga ocorreu em 1800 (Lemos, 1938, 30) e de tal modo o camartelo funcionou que, em 1820, os dois pedreiros que haviam sido seleccionados para fazer um relatório acerca do “*...o estado/ actual das Torres, e Muro, que cercão/ esta mesma villa*” junto à Torre do Souto informavam que “*... junto ao muro das portas de Braga, se/ acha a torre, e muro emthe a de S. João de todo/ demolido, à excepção de alguma pedra dos seus alicerses ... e mais dicerão achar-se/ demolido de fresco e pouco tempo coisa de trinta braças do dito muro athe quasi aos/ alicerses em distancia da Torre da porta do Souto, a qual tambem acharão demolida/ em grande parte*” (AMPL, LV,1807-1820, fl. 111v à 113v). De acordo com a orientação da Calçada dos Quartéis, a antiga Calçada do Correio, a Porta de Braga ocupava a totalidade da entrada da Rua e a fazer fé em Reis Lemos ela “*tinha o pé direito no princípio do quintal da casa que foi de S. Santiago Garcia de Mendoza e o esquerdo no princípio do quintal oposto, que é de José de Abreu Lima Pereira Coutinho*” (Lemos, 1938, 30). Por outras palavras, o alicerce da torre, a conservar-se ainda, está na sua quase totalidade em plena rua, à excepção dos muros norte e sul que estarão ainda nos dois ditos quintais.

O quintal a norte da rua pertence à Casa da Carvalheira, outrora propriedade de José de Abreu, uma construção recentemente adulterada, que conserva ainda inegáveis traços da arquitectura quinhentista. No topo meridional do quintal foi construído um edifício de rés-do-chão e 1º andar, de vincadas características urbanas, em voga ao longo do séc. XVIII e mesmo durante uma

boa parte do séc. XIX. Apesar da singeleza das suas linhas, nota-se que incorporou alguma pedra da muralha, mas não tanta que possa dizer-se que foi construído com recurso ao desmantelamento da muralha e da torre. Como topograficamente se trata de um espaço com cota mais elevada que a rua, é perfeitamente viável que os alicerces de ambos – muralha e torre – ainda subsistam na casa e no espaço agrícola adjacente.

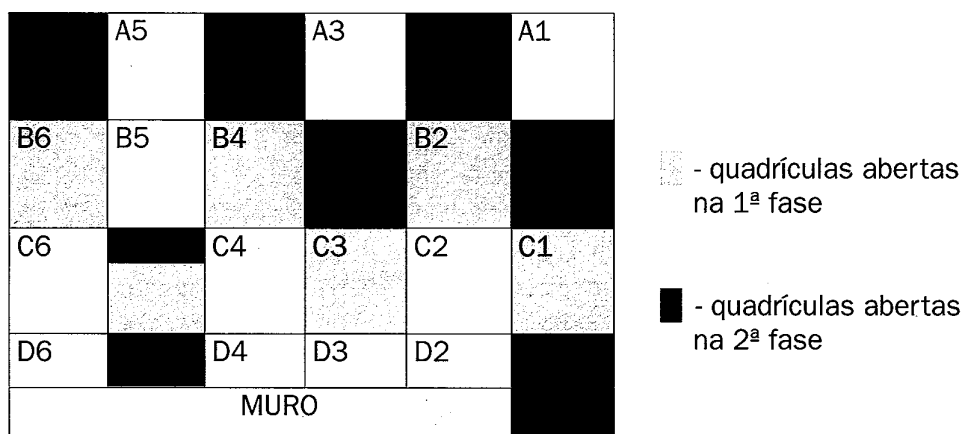
O quintal que fazia a rua pelo lado meridional pertence à Câmara Municipal, mas antes foi, respectivamente, propriedade da Viscondessa da Azenha, viúva de D. Santiago de Garcia de Mendonça, que viveu em Ponte de Lima na segunda metade do séc. XIX (Lemos, 1938, 115, nota 217), da viúva de João Afonso e da família Nogueira de Brito. A parte inferior deste espaço foi transformado em jardim público no começo do séc. XX. Pelo menos a planta topográfica da vila de 1927 já o representa, tal como a parte superior do quintal a facear duas ruas: Gonçalo Coelho de Araújo e o Largo dos Quartéis (Fig. 1).

Foi este quintal, há tempos atrás, um espaço agrícola disposto em socalcos, com vinhas em lateiros e árvores de fruto. Futuramente, está programado, para o seu subsolo, um parque de estacionamento.

## 2 – A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

A intervenção arqueológica começou com uma limpeza sumária da área de escavação, procedendo-se em seguida à instalação da quadrícula entre os muros que delimitavam o antigo parque de estacionamento da Câmara Municipal de Ponte de Lima. Optámos pela abertura de quadrículas com 5mx5m, incluindo duas banquetas de 1m, a Nordeste e Sudeste. A escolha desta dimensão esteve relacionada com a época chuvosa durante a qual decorreram os trabalhos de escavação. Deste modo tentámos evitar que o esboroamento de terras nos impedisse a continuidade da intervenção e dos respectivos registos.

Conicionados pela disponibilidade de tempo, executámos uma abertura, inicial, em xadrez, começando pela quadrícula C1, seguindo-se a B2, a C3, a B4, a C5 e a B6.



Durante a primeira fase encontramos estruturas e valas, cuja funcionalidade só foi entendida com a abertura de novas quadrículas. Foi nesta segunda fase que estendemos a área de escavação para as quadrículas B1, D1, A2, B3, A4, D5 e A6. As restantes quadrículas não foram escavadas porque as sondagens prévias determinaram a sua inutilidade.

### 2.1 – Estratigrafia geral

1- Terra heterogénea que enche a vala de sondagem (Vala13) elaborada numa fase precedente à

escavação.

**2- Tout- venant**

**3-** Entulho recente que corta as camadas 2 e 3 na quadrícula A2 a Sul; na B1 corta a camada 3 na banqueta nordeste no canto Norte; e na B2 corta a 2, a 3 e a 4. É a terra que enche a Vala 15.

**4-** Terra heterogénea com alguma telha e pedras, que enche um buraco junto ao perfil Sudoeste. Corta as camadas 2, 3 e 4, chegando parcialmente ao topo do M3.

**5-** Entulho que enche um buraco comum às quadrículas B2 e B3

**6-** Terra castanha, com nódulos de saibro que enche a vala 14.

**7-** Camada castanha que serve de nivelamento ao *tout-venant* (nivelada em 1997). Na quadrícula A2 foi cortada a Sul pela 2 a ; não se encontrou a Norte na A4; enche a vala 16 e corta a 3 a na quadrícula A6. Também foi cortada na B2, na B4 e na B6 pela vala 13.

**8-** Entulho datado de 1997. Na quadrícula C1 encontra-se entre os dois muros: o M1 e o M2. Foi aqui colocado para encher esta zona, antes da existência do parque de estacionamento; na B1 só apareceu a Sudeste e na D1 teve a mesma função: a de nivelar.

**9-** Camada castanha que enche um buraco de árvore

**10-** Terra castanha escura que enche um buraco, provavelmente de árvore, que se encontra no perfil Nordeste da quadrícula B6. Foi designado por Vala 17.

**11-** Terra castanha que enche um buraco de árvore, pois nele encontram-se restos de raízes. É visível no perfil Nordeste da quadrícula B1.

**12-** Saibro branco que cobre o M2 na quadrícula C1 e na D1.

**13-** Camada de entulho, de cor castanha escura que cobre o M3 no canto Sul da quadrícula B1, onde vai ser cortado pela vala de fundação do M2. Na C1 encosta ao M2 .

**14-** Camada argilosa castanha alaranjada que terá funcionado como terra de cultivo até há relativamente pouco tempo. Nela assentam os muros 1 e 4. Enche ainda a Vala 6, que é a vala de fundação do M2 (muro 2) na B1. Na quadrícula A6 enche as valas 16 e 17. A camada 14 e 15 deverão ser contemporâneas, pois ambas terão funcionado no período em que este terreno era utilizado para fins agrícolas.

**15-** Camada de fina espessura, argilosa, de cor vermelha. Será a terra pertencente à plantação de videiras, intercalada com árvores de fruto.

**16-** Terra que enche algumas cavidades no terreno natural. É uma terra arenosa, de cor castanha e que só se encontra na quadrícula A4.

**17-** Camada de terra laranja com nódulos de saibro, de onde saíram muitos fragmentos de material de construção. No perfil Nordeste da A2 corta a camada 5, assentando directamente no terreno natural.

**18-** Terra castanha clara que só se encontra no lado Norte da quadrícula A2 e que é cortada pela 4. Não aparece a Sudoeste, pois a camada 3 alarga e assenta directamente no terreno natural. Da camada 19 à 26 temos a sequência estratigráfica da área a Sul do M2 na quadrícula D1.

**19-** Camada castanha com telhas e saibro que se encontra na face exterior do M2, ou seja, a Sul.

**20-** Camada de areia que corta as camadas 7, 8 e 9 a Sudeste. Só se encontra a Sul do M2. Esta camada corresponderá ao antigo caminho, que foi substituído pela actual rua.

**21-** Camada castanha alaranjada que se encontra na face externa do M2 e que foi cortada quando foi aberto o caminho, fazendo supor que o M2 já existia quem sabe se com outra função, do que aquela de delimitar um simples caminho.

**22-** Camada castanha escura, com saibro e telhas. Destruição de uma estrutura anterior ao caminho.

- 23-** Saibro branco. Foi cortado pela camada de areias.
- 24-** Camada de terra castanha escura, de onde foram recolhidos fragmentos de cerâmica vidrada e de faiança. As formas identificadas foram a tigela (em ambos os grupos) e a travessa nas faianças.
- 25-** Camada de terra vermelha com pedras.
- 26-** Camada castanha com carvões.
- 27-** Terra argilosa, castanha, que enche a parte inferior da vala de fundação do M2, na quadrícula B1 e na C1.
- 28-** Camada castanha, com muitas pedras, que estará relacionada com a destruição do M3. O espólio encontrado sugere que a estrutura seja bastante recente.
- 29-** Camada argilosa de cor laranja. Encosta ao M5 na quadrícula B1. Pertencerá, também, à destruição do M3.
- 30-** Camada de terra castanha amarelada, que sela a vala 9 e encosta ao M3.
- 31-** Terra castanha escura que enche a Vala 9, encostando também ao M3.
- 32-** Camada que enche a Vala 12 e cobre a Vala 1, na quadrícula C3. Tem cor castanha escura e encosta ao M3 a Este.
- 33-** Terra argilosa, de cor amarela, que enche uma bolsa também na C3.
- 34-** Camada castanha onde aparecem muitos fragmentos de construção e pedra miúda.
- 35-** Camada argilosa laranja-acastanhada, que enche as valas 1,2 e 3 na quadrícula C5 e as valas 4 e 5 na D5.
- 36-** Terra castanha com telhas, que encosta ao M3. Aqui foi encontrado muito material de construção, entre eles uma bola de granito, peça que ainda nos nossos dias serve de decoração para escadas exteriores ou alpendres.
- 37-** Terra bege-arroseado, com nódulos de saibro. Só a encontramos a Norte na quadrícula B2. Esta camada corta a 6 a junto ao perfil Noroeste, estando no canto norte imediatamente acima do terreno natural. Nela assenta um peso de lagar, que deduzimos estar *in situ*, uma vez que encontrámos o piso imediatamente abaixo desta camada. Esta terra teria sido colocada por baixo do peso aquando do seu desmonte, tendo como função não estragar o chão de barro. Na quadrícula B1 encontra-se apenas a Norte do M5.
- 38 -** Espessa camada de barro vermelho, que constitui um piso relacionado com um edifício, delimitado pelos Muros 3 e 5. Pela existência de um peso de lagar, supomos que ali terá funcionado um lagar de fuso. Observando a estratigrafia observa-se esta camada a selar a vala 1, vala essa que é a da fundação do M3.
- 39-** Camada de terra muito argilosa, castanha, que enche a parte superior da vala 1, passando por baixo do M3.
- 40-** Camada castanha amarelada com carvões, que só se encontra na parte nordeste da quadrícula B1.
- 41-** Terra castanha clara, homogénea, com pedra miúda. É a terra que enche a vala 1 na quadrícula C3.
- 42-** Terra argilosa, castanha escura que enche a parte inferior da vala 1 nas quadrículas B1 e B3. O espólio cerâmico leva-nos a apontar uma cronologia mais antiga para este enchimento inferior da vala 1.
- 43-** Camada castanha que enche as valas 10 e 11, junto ao perfil Sudoeste, assentando no natural na quadrícula C3.

## 2.2 – Análise estratigráfica

### Quadrado A2

1 (2) - Tout-venant

2 (7) - Camada de cor castanha que serve de nivelamento ao tout-venant (nivelada em 1997). Está cortada a Sul pela **2a**. Relativamente ao espólio cerâmico, encontramos uma grande diversidade: desde a louça não vidrada à louça vidrada, à faiança e a um fragmento de porcelana. Dentro do grupo das não vidradas apenas se identifica um alguidar, sendo as restantes formas indeterminadas. A sua origem poderá estar em Aveiro, Ovar ou ainda em Prado. O único fragmento de louça vidrada encontrado neste estrato também é indeterminado quanto à sua forma e origem. Na faiança, identificámos um fragmento de tigela e outro de prato de origem indeterminada e um fragmento de caneca(?), cuja decoração se assemelha a algumas peças produzidas pela Fábrica de Darque-Viana do Castelo. O fragmento de pires em porcelana encontrado, não tem decoração, mas tem marca, embora incompleta, pois ainda se lê: PORTU(gal).

2a (3) - Terra que enche a vala 15 na parte Sul da quadrícula. Corta a camada 2 e 3. Nela foram exumados fragmentos cerâmicos de louça preta, louça não vidrada, louça vidrada, faiança e porcelana.

Relativamente à louça preta a única forma identificada é questionável, uma vez que poderá pertencer a um cântaro ou a um pote. A sua origem é discutível entre a zona de Prado e de Lanheses. Na louça não vidrada encontramos uma pega de testo e um fragmento de cântaro de água. Oriunda da zona de Barcelos, a louça vidrada aparece-nos sob a forma de tigela e de pequenos fragmentos de forma indeterminada. Os fragmentos de faiança recolhidos são, na sua maioria, de proveniência indeterminada; entre eles distinguimos pratos com e sem decoração, um fragmento de garrafa e alguns de forma indeterminada mas com decoração e um com a letra **H**. Com decorações semelhantes às peças das Caldas da Rainha temos 8 fragmentos de um jarro. Por último, foi examinado um fragmento de prato ou terrina com motivos decorativos similares aos das peças da Fábrica de Miragaia. De entre os fragmentos de porcelana encontrados, temos um fragmento de prato e um de malga com motivos chineses, muito usada nos nossos dias nos restaurantes de comida chinesa.

3 (14)- Camada argilosa, castanha alaranjada, que terá funcionado como terra de cultivo até há relativamente pouco tempo. Foi cortada a Sul pela 2a.

A diversidade de materiais continua a demonstrar um grande revolvimento desta área. Os diversos tipos de cerâmica são os mesmos que os do estrato anterior, predominando, entre a louça preta, os fragmentos de cântaros. Na louça não vidrada temos apenas um fragmento, também ele de cântaro. Da louça vidrada foram identificados alguidares pertencentes, provavelmente, ao centro oleiro da zona de Barcelos. De Aveiro/ Ovar encontramos um fragmento de tigela de pasta laranja avermelhada. Os fragmentos de faiança de origem indeterminada são de pratos, tigelas e de taça, todos decorados. Identificáveis, são os restantes seis fragmentos que apresentamos em seguida. Um fragmento cuja decoração se assemelha à de um bule, pertencente à Fábrica Lusitânia Lisboa, datado do século XIX /XX. Outro fragmento identificável é o de um fundo (de bule?) com o selo: Gilman & CTA SACAVÉM PORTUGAL datado entre 1902 a 1918 ou 1921 a 1970. De Alcobaca vieram 3 fragmentos de jarra. Questionável é o fragmento de prato,

com decoração impressa a azul sobre fundo branco, com motivos de inspiração oriental, igual ao prato nº77 do Catálogo da Fábrica de Massarelos (Porto, 1763- 1936). Apesar da decoração ser igual à de um prato de Massarelos, também é possível que este fragmento pertença a Sacavém uma vez que temos entre este espólio um fragmento de prato com a mesma decoração e a marca incisa SACAVÉM, encimada por uma coroa. Como tal, todos os fragmentos com esta decoração onde não seja visível qualquer marca, poderão pertencer a Massarelos ou a Sacavém. A porcelana é aqui representada por um fragmento não identificável, sem decoração.

3a (15) - Bolsa de terra vermelha, com pedras miúdas, que se encontra no meio da camada 3, de onde foi exumado um único fragmento de vidro.

4 (17) - Camada de terra laranja com nódulos de saibro, de onde saíram muitos fragmentos de material de construção. No perfil Nordeste corta a camada 5, assentando directamente no natural. Está cortada a Sul. O espólio cerâmico é representado por fragmentos de louça preta, de louça vidrada e de faiança. Não conseguimos identificar a forma dos 2 fragmentos de louça preta. Quanto à louça vidrada, exumou-se um fragmento de tigela de pasta laranja avermelhada, cuja origem estará em Aveiro/Ovar e um fragmento proveniente das olarias de Barcelos. Os fragmentos de faiança não têm origem identificada, apesar da maioria possuir decoração. As formas identificadas foram o prato e a tigela.

5 (18) - Terra castanha clara que só se encontra no lado Norte da quadrícula e que é cortada pela 4. Não aparece a Sudoeste pois a camada 3 alarga e assenta directamente no terreno natural. Neste estrato só foram exumados um fragmento de faiança e dois de porcelana. Todos eles são pratos decorados. Um dos fragmentos de porcelana tem a marca **Porce** (lanas de Portugal).

#### Quadrado A4

\*A *tout-venant* foi retirada quando se removeu a terra que foi saindo da escavação.

1 (7) - Camada castanha que serve de nivelamento ao *tout-venant* (nivelada em 1997). Não se encontra no canto Norte da quadrícula.

Os materiais cerâmicos encontrados são bastante diversificados. Desde a louça preta, do Prado ou de Lanheses, onde encontramos um fragmento de um cântaro, à louça não vidrada de Aveiro / Ovar; um alguidar, um tigela e um fragmento que poderá pertencer a um bureto, a uma caçoila ou a uma panela, todos vidrados e provavelmente oriundos da zona de Barcelos. Dos fragmentos de faiança foram identificados tigelas e pratos decorados, mas sem proveniência identificável. Um fragmento de asa decorado foi interpretado como pertencente a um bule de Massarelos, pois é igual ao apresentado na Mostra de Faiança Portuguesa. De Darque-Viana do Castelo, poderão ser dois fragmentos de caneca, uma vez que a decoração se assemelha a exemplares da região. Semelhante é também a decoração de três fragmentos de prato como os apresentados na Mostra de Faiança Portuguesa, no capítulo da Fábrica de Sacavém. Da mesma fábrica é um fragmento de forma indeterminada mas que tem restos da marca impressa a verde *Gilman*, mas sem a palavra Portugal por baixo (o que nos poderá levar para uma data aproximada a 1918). Para além destes materiais foram recolhidos um fragmento de porcelana, sem forma identificável ou decoração visível e um fragmento de azulejo decorado com motivos azuis.

2a (6) - Terra castanha, com nódulos de saibro que enche a vala 14.

2 (14) - Camada argilosa, castanha alaranjada, que terá funcionado como terra de cultivo até há



relativamente, pouco tempo. No canto Oeste está cortada pela camada 2 a que enche a Vala 14.

Apareceu apenas um fragmento de louça vidrada que poderá pertencer a um pote ou a um jarro.

3 (16) - Terra que enche algumas cavidades no natural, algumas delas feitas pela raízes de árvores. É uma terra arenosa de cor castanha.

#### **Quadrado A6**

1(2) -*Tout-venant*

2 (7) - Camada castanha que serve de nivelamento ao *tout-venant* (nivelada em 1997). Encontrámo-la a Noroeste, a encher a Vala 16 e a cortar a camada 3a.

Tal como nos outros níveis de revolvimento, também aqui há vários tipos de louça, embora com um número de fragmentos muito baixo. Por exemplo, a louça preta está representada com um fragmento, tal como a louça não vidrada e a porcelana. Os primeiros têm a sua origem em Prado ou em Lanheses e pertencerão, hipoteticamente, a cântaros. As formas dos fragmentos de louça vidrada não foram identificadas, embora pelas pastas as possamos atribuir a fabricos de Aveiro/Ovar e de Barcelos. Nas faianças temos fragmentos de Viana, (atendendo à decoração), a Massarelos e a Sacavém. De Sacavém temos um fragmento de prato com o tema do Cavalinho e hipoteticamente mais um fragmento, isto é, com decoração similar ao nº77 da Fábrica de Massarelos e igual ao que apareceu entre este espólio, com a mesma decoração e com a marca de Sacavém. Para além destes, surgiu ainda um fragmento de prato com decoração semelhante ao nº76 do catálogo da Fábrica de Massarelos Porto.

3 (14) - Camada argilosa, castanha alaranjada, que terá funcionado como terra de cultivo até há relativamente pouco tempo. Enche as Valas 16, 17 que são desníveis provocados por raízes de árvore e trabalhos agrícolas no terreno natural. A Vala 16 está preenchida com três terras distintas: a camada 2, a 3 e a 3a. A 3 enche a parte inferior, a 2 interfere com a 3a, que parece ser aquela que encheria a área superior da V16. A diversidade de materiais continua a demonstrar um grande revolvimento desta área.

3a (15) - Camada de terra vermelha que não aparece a Sudeste, tendo sido cortada a Nordeste pela camada 2. Aparece e está encostada à mesma cota que a camada 3.

#### **Quadrado B1 (Fig. 2)**

1(2) -*Tout-venant*. Aqui, fruto do revolvimento, foram encontrados fragmentos de louça não vidrada, louça vidrada, de faiança e de porcelana. As formas continuam a seguir o seu carácter doméstico: pratos, tigelas e cântaro. Foi também recolhido um fragmento de peso de telhado em xisto.

2a (3) – Entulho recente que corta a camada 3 na banqueta Nordeste no canto Norte, enchendo assim a Vala 15.

2 (7) - Camada castanha que serve de nivelamento ao *tout-venant* (nivelada em 1997). Foi cortada, em parte, pela 3a e pela 5a, cobrindo-as posteriormente. Isto explica-se pelo facto de todas estas terras terem sido trazidas numa mesma época, para nivelar um terreno que viria a ser o parque de estacionamento da Câmara Municipal.

Os materiais são heterogéneos, não diferindo dos recolhidos em camadas revolvidas. Mais

uma vez está presente a louça preta do Prado ou de Lanheses, bem como a louça não vidrada do Prado e de Aveiro/Ovar, a louça vidrada de Barcelos, a porcelana e a faiança representada por pratos e tigelas. Neste grupo temos dois fragmentos de prato decorados com o tema do cavaliño, ou seja, da Fábrica de Sacavém; embora sem marca foram encontrados um fragmento de prato com decoração similar à utilizada pela Fábrica das Aradas em Aveiro e um fragmento de forma indeterminada com decoração semelhante à da louça de Viana. Para além destes dois fragmentos, outro merece destaque: um pequeno fragmento de prato pintado com uma mancha amarelo torrado e que se assemelha às usadas em alguns conjuntos decorativos dos pratos da cerâmica Ratinho de Coimbra.

3 **(14)** - Camada argilosa, castanha alaranjada, que terá funcionado como terra de cultivo até há relativamente pouco tempo. Nela assentam os muros 1 e 4. É esta camada que enche a Vala 6, que é a vala de fundação do M2 (muro 2).

A diversidade de materiais continua a demonstrar um grande revolvimento desta área. A comprová-lo estão os fragmentos de bureto, caçoila ou panela e ainda de cântaro e de louça preta oriunda do Prado. Estão também os fragmentos de louça não vidrada e os alguidares, tigelas e cântaro de louça vidrada, provavelmente elaborados pelas mãos de um oleiro barcelense. No grupo das faianças as formas mais comuns continuam a ser as de louça doméstica, representada pelos pratos, jarros, tigelas e até uma travessa, provavelmente oriunda de Massarelos (isto porque a sua decoração é semelhante à do nº8 do catálogo da dita Fábrica). Ainda de Massarelos poderá ser o fragmento de prato com decoração igual ao nº77 do dito catálogo da Fábrica, embora também possa pertencer ao fabrico de Sacavém como já havíamos visto. Para terminar, detectou-se um fragmento de Coimbra com decoração pintada, tipo Brioso- 1º período, ou seja 1ª metade séc. XVIII.

3a **(8)** - Entulho de 1997, só aparece na parte Sudoeste da quadrícula. Teve como função nivelar o terreno. O espólio encontrado resume-se a um fragmento que se insere no grupo da louça não vidrada.

3b **(11)** - Terra castanha que enche um buraco de árvore, pois nele encontram-se restos de raízes. Visível no perfil Nordeste.

4 **(28)** - Camada castanha que estará relacionada com a destruição do M3. O espólio encontrado sugere que a estrutura seja bastante recente, possivelmente posterior ao século XVIII. Entre os fragmentos de louça preta, encontramos formas como o cântaro, a taça, o bureto, a panela ou a caçoila. Vindas de Prado, as tigelas e os fragmentos pertencentes à louça destinada a ir ao lume são os predominantes; também de Aveiro/Ovar chegaram algumas tigelas de pasta laranja avermelhada. A louça vidrada marca a sua presença com alguns fragmentos de tigela, cântaro e caçoila. Poucos são os fragmentos de faiança nesta camada.

4a **(12)** - Saibro branco que cobre o M2 na quadrícula C1.

5 **(40)** - Camada castanha amarelada, com carvões, que só se encontra na parte Nordeste da quadrícula. Nesta camada o espólio exumado limita-se aos grupos de louça preta, não vidrada e vidrada. As formas continuam a repetir-se: tigelas e cântaros. Foi daqui também que foi exumado o ceitel medieval.

5a **(13)** - Camada de entulho de cor castanha escura que cobre o M3 no canto Sul da quadrícula,

onde vai ser cortado pela vala de fundação do M2.

5b (29) - Camada de terra com cor laranja (é a 5 da B2), que se encontra por baixo da banquetta Noroeste, do lado Norte do M5, onde encosta.

6 (42) - Terra argilosa, castanha escura, que enche a vala 1. Dentro desta vala encontramos fragmentos cerâmicos de louça preta, não vidrada e faiança destinada à cozinha.

6a (36) - Terra castanha com telhas (6 a da B2) que se encontra do lado Norte do M5, na banquetta Noroeste.

6b (27) - terra argilosa, castanha, que enche a parte inferior da vala de fundação do M2, no canto Sul. Não se continuou a escavação dentro desta vala, pois o espaço era cada vez mais reduzido, dificultando os movimentos.

### Quadrado B2 (Fig. 3)

1 (2) - *Tout-venant*.

2 (7) - Camada castanha que serve de nivelamento ao *tout-venant* (nivelada em 1997). Está cortada a Norte pela 2c, a Sudoeste pela 2b e a Este pela 2a. Tal como aconteceu nas outras quadrículas, esta camada de nivelamento tem material diverso e bastante recente.

Daqui também foram recolhidos fragmentos de cerâmica preta, não vidrada, vidrada, azulejos e faiança. No grupo das faianças destacamos duas decorações, uma num fragmento de prato e outra num fragmento de travessa, ambas com similitudes decorativas às da Fábrica de Massarelos. Da fábrica de Sacavém foram identificados dois fragmentos, um deles com o tema do cavalinho. Também aqui foram encontrados 3 fragmentos do prato com decoração similar ao nº77 do catálogo da Fábrica de Massarelos e que por nós foi identificado com uma marca de Sacavém. A questão dos motivos repetidos por diferentes fábricas parece encontrar aqui uma das suas respostas.

2a (3) - Entulho que enche um buraco no canto Este da quadrícula. Corta as camadas 2, a 3 e a 4.

2b (4) - terra heterogénea com alguma telha e pedras, que enche um buraco junto ao perfil Sudoeste. Corta as camadas 2, 3 e 4 chegando parcialmente ao topo do M3.

2c (5) - entulho que enche um buraco no canto Norte da quadrícula. Corta as camadas 2, 3 e 4.

3 (14) - Camada argilosa castanha alaranjada, que terá funcionado como terra de cultivo até há relativamente pouco tempo. Foi cortada a Norte pela 2c, a Sudoeste pela 2b e a Este pela 2a. A diversidade de materiais continua a demonstrar um grande revolvimento desta área. Continuam, no entanto, a predominar os fragmentos de uso doméstico, sob a forma de tigelas, testos e cântaros nos diferentes tipos de louça atrás referidos.

4 (28) - Camada de terra de cor castanha, com muitas pedras que pertencem ao derrube do M3. Cobre este mesmo muro e é cortada a Norte pela 2c, a Sudoeste pela 2b e a Este pela 2a. Nela foram recolhidos fragmentos de louça preta e de louça não vidrada, com uma possível cronologia pós-século XVI.

5 (29) - Terra argilosa, de cor laranja, que pertence aos restos da destruição do M3. Dela foram exumados fragmentos de louça preta, louça vidrada e de faiança, nomeadamente um fragmento que se assemelha ao covilhete do catálogo de louça ratinha- " Os Ratinhos, Faiança Popular de Coimbra".

6 (37) -Terra bege arroseada, com nódulos de saibro. Só a encontramos a Norte da quadrícula. Esta camada corta o nível 6 a, junto ao perfil Noroeste, estando no canto Norte imediatamente acima do terreno natural. Nela assenta um peso de lagar, que deduzimos estar *in situ*, uma vez que encontrámos o piso imediatamente abaixo desta camada. Esta terra teria sido colocada por baixo do peso aquando do seu desmonte, tendo como função não deteriorar o chão de barro (designado por camada 7). Esta camada enche ainda a vala 9. Daqui foram recolhidos fragmentos de louça preta, vidrada e faiança. As formas predominantes continuam a ser os cântaros e a louça de ir ao lume.

6a (36) - Terra castanha, com telhas, que encosta ao M3. Foi encontrado muito material de construção, entre ele uma bola de granito, peça que ainda nos nossos dias serve de decoração para escadas exteriores ou alpendres. Do espólio cerâmico foram analisados fragmentos de louça preta, louça vidrada e faiança. Da primeira foram apenas identificados peças de levar alimentos ao lume. Do segundo grupo conseguem referenciar-se um fragmento de travessa decorado e outro de tigela. Os dois fragmentos de faiança não são identificáveis. Esta camada corresponderá à destruição do edifício do lagar constituído pelos muros M3 e M5 (Fot. II,1).

7(38) - Espessa camada de barro vermelho, que constitui um piso, relacionado com um edifício constituído pelos Muros 3 e 5. Pela existência de um peso de lagar supomos que ali terá funcionado um lagar de fuso. Observando a estratigrafia vimos esta camada a selar a vala 1, vala essa que é a da fundação do M3. Neste piso foram apenas encontrados fragmentos de louça preta, cuja forma é indeterminada.

8(39) - Terra argilosa, de cor castanha, que enche a vala 1, nivelando também o piso. O espólio que enche a vala 1 poderá apontar uma cronologia posterior ao séc. XVI. Do grupo das faianças só foi encontrado um fragmento de forma indeterminada e sem qualquer decoração visível. Provavelmente do Prado é oriunda a louça preta, representada pelos recipientes que serviam para levar alimentos ao lume. Da louça vidrada só foi identificável um fragmento de tigela sem decoração visível.

### **Quadrado B3 (Fig. 5)**

1 (2) -*Tout- venant*.

1a (1) - Terra heterogénea que enche a vala de sondagem (Vala 13), depositada numa fase precedente à escavação.

2 (7) - Camada castanha que serve de nivelamento ao *tout-venant* (nivelada em 1997). Encontra-se presente em toda a quadrícula. Os materiais são heterogéneos e de épocas muito recentes. A comprová-lo temos, por exemplo, dois fragmentos de pires de porcelana. Na faiança não se conseguiu identificar nenhum local de fabrico. Como esta camada tem uma cronologia muito recente temos de considerar que alguma da louça preta, se não mesmo toda, poderá ser proveniente de Lanheses, uma vez que ficava mais próximo de Ponte de Lima e sabemos que chegou a

conquistar lugar destacado nas feiras quinzenais. Os fragmentos de louça vidrada são, quase na totalidade, de forma indeterminada, enquanto que os não vidrados se limitam a um fragmento de talha.

2a (5) - Entulho que enche um buraco no canto Este da quadrícula. O espólio encontrado reflecte bem esse entulho: louça preta, não vidrada, vidrada, faiança de Sacavém com a marca de "Gilman" ou seja posterior a 1894, altura em que a Baronesa de Sacavém abriu as portas a um novo sócio, James Gilman. Apesar de ter marca não se consegue definir a forma. Por último, uma peça completa, a única aliás, de entre todo o espólio cerâmico exumado: um tinteiro completo, com a marca **C** e **E** sobreposta num losango.

3 (14)- Camada argilosa, castanha alaranjada, que terá funcionado como terra de cultivo até há relativamente, pouco tempo. Cobre o M3 e é cortada a Este pela **2a**. Do espólio recolhido, referenciamos, mais uma vez, a presença de louça preta, a não vidrada, a vidrada e a faiança - esta oriunda de Viana e de Coimbra (tipo Brioso).

4 (15) - Camada de fina espessura, argilosa, de cor vermelha. Será a terra pertencente à plantação de videiras, intercalada com árvores de fruto. Dela foram exumados poucos fragmentos cerâmicos. Apenas sete fragmentos de louça preta e três de louça vidrada. As formas são, na sua maioria, indeterminadas.

5 (29)- Camada argilosa, de cor laranja, proveniente de um entulhamento. Os materiais continuam a revelar formas de uso doméstico: os recipientes de ir ao lume, e o cântaro de louça preta, a tigela sem vidro de Aveiro/ Ovar e as tigelas e panelas vidradas de Barcelos. Da faiança, os fragmentos da louça coimbrã do tipo Brioso continuam a marcar presença.

6 (30) -Camada de terra castanha-amarelada que sela a vala 9 e encosta ao M3.

7 (31) -Terra castanho escura que enche a Vala 9, encostando também ao M3. Daqui foram exumados fragmentos cerâmicos do mesmo tipo, formas e proveniências que os descritos no estrato 5. Acrescentamos apenas a presença de alguns fragmentos de telha.

8 (39) - Camada de terra muito argilosa, castanha, que enche a parte superior da Vala 1, passando por baixo do M3. Sem querermos tornar fastidiosa esta apresentação de materiais o certo é que as formas se vão repetindo, tal como o tipo de louça. Desta feita, também daqui foram recolhidos fragmentos de tigelas, recipientes de ir ao lume, cântaros de louça preta e de louça não vidrada. A louça vidrada aparece decorada e a faiança não apresenta qualquer identificação em termos de proveniência.

9 (42) - Terra argilosa, castanha escura, que enche a parte inferior da Vala 1. O espólio cerâmico leva-nos a apontar uma cronologia mais antiga para este enchimento inferior da vala1. O espólio recolhido reporta-se apenas a louça preta, sem formas identificáveis e a louça não vidrada está representada pelos fragmentos de cântaro, tigela e panela. Um dos fragmentos de cântaro com pasta e superfícies castanhas, decorado a picotado, leva-nos a supor uma ocupação anterior ao século XV.

#### **Quadrado B4**

1 (2) -*Tout-venant*.

1a (1) - Terra heterogénea que enche a vala de sondagem, depositada numa fase precedente à escavação. Enche a vala 13.

2 (7) - Camada castanha que serve de nivelamento ao *Tout-venant* (nivelada em 1997). Foi cortada a Sul pela Vala 13. Mais uma vez os materiais demonstram diversidade e apontam uma cronologia recente. A louça preta do Prado ou de Lanheses faz-se representar por seis fragmentos indeterminados e um com a forma de panela. As formas da louça vidrada e da fosca não foram identificáveis e na faiança, as que se conseguiram identificar reportam-se a malgas e pratos. De entre as malgas analisou-se um fragmento com a decoração de inspiração chinesa, impressa a azul sobre fundo branco (igual à que aparece no prato nº77 do catálogo de louça da Fábrica de Massarelos), que encontramos num fragmento de prato no nosso espólio, mas com a marca da fábrica de Sacavém.

3 (14) - Camada argilosa, castanha alaranjada, que terá funcionado como terra de cultivo até há relativamente pouco tempo. Foi cortada a Sul pela Vala 13. A diversidade de materiais continua a demonstrar um grande revolvimento desta área. De entre todo o espólio foi exumado um fragmento em xisto que parece ter a forma de peso de telhado ou de tear. No espólio cerâmico predominam os fragmentos de louça preta e de louça vidrada. A louça não vidrada está representada por fragmentos de fabrico de Prado e de Aveiro/Ovar. A proveniência da faiança encontrada é de difícil definição, só tendo sido possível identificar um dos fragmentos como pertencente a Coimbra, fabrico Brioso - 1ª metade século XVIII. As formas de todos estes grupos são repetidas: recipientes de ir ao lume, tigelas, alguidares, testos e um possível porrão.

3a (6) – Terra castanha, com nódulos de saibro, que enche a vala 14.

4 (15) – Camada de fina espessura, argilosa, de cor vermelha. Foi cortada a Sul pela Vala 13. Será a terra pertencente à plantação de videiras, intercalada com árvores de fruto. Nela não foram encontrados quaisquer fragmentos cerâmicos

5 (28) - Camada argilosa, castanha alaranjada, que pertencerá à destruição do M3. Enche a vala 9. Neste enchimento foram exumados fragmentos de louça preta não vidrada, vidrada e faiança. O cântaro marca a sua presença na louça preta e na não vidrada. A forma de louça vidrada mais representada continua a ser o alguidar e na faiança o prato decorado tipo Brioso é o único identificável. Apareceu ainda um fragmento de tampa com pega em vidro branco semi- opaco.

6 (29) – Camada argilosa de cor laranja. Pertencerá também à destruição do M3. Os materiais são, na sua maioria, provenientes da zona Aveiro/ Ovar, no que diz respeito à louça não vidrada e ao Prado /Barcelos quando são vidrados. A forma predominante, no primeiro tipo, continua a ser a tigela e no segundo, os recipientes de ir ao lume.

7 (39) - Camada de terra castanha escura que enche a vala 1, onde assenta o M3. Como já tínhamos visto anteriormente, no enchimento da vala 1 encontramos todo o tipo de louça acima referida, nomeadamente: louça preta, louça não vidrada, vidrada e faiança. Grande parte das formas são indeterminadas, o que não nos permitiu acrescentar grandes novidades. Quanto às proveniências, só a faiança não teve identificação, pois as restantes louças terão sido originárias da zona do Prado e de Barcelos.

#### **Quadrado B6**

1 (2) -*Tout-venant*.

1a (1) - Terra heterogénea que enche a vala de sondagem elaborada numa fase precedente à escavação. Enche a vala 13.

2 (7) - Camada castanha que serve de nivelamento ao *tout-venant* (nivelada em 1997). Foi cortada a Norte pela Vala 13. Como acontece nas camadas superficiais de outras quadrículas, também aqui foram encontrados vários fragmentos cerâmicos de diferentes grupos de louça. A louça preta não se encontra representada, o que pensamos ser mero acaso, uma vez que a camada é muito recente. A louça não vidrada e a vidrada não têm qualquer fragmento de forma identificável. No grupo das faianças foi possível identificar a forma do prato e da tigela. Um dos fragmentos de prato tem marca da Fábrica de Sacavém: (.R..) EAL FÁBRI(.CA..) (de Sacavém). O símbolo é quase ilegível.

3 (14) - Camada argilosa, castanha alaranjada, que terá funcionado como terra de cultivo até há relativamente pouco tempo. A diversidade de materiais continua a demonstrar um grande revolvimento desta área. Continuam, no entanto, a predominar os fragmentos cerâmicos de época Contemporânea, como alguns fragmentos de cântaro dos fornos de louça preta do Prado e outros como o alguidar ou a caçoila, vidrados de Barcelos. Enche a vala 16 a Este.

3a (15) - Camada de terra argilosa, castanha avermelhada, que só se encontra na parte NW - SW da quadrícula. Os materiais exumados são maioritariamente de construção. O pouco espólio cerâmico de recipientes reporta-se apenas a 4 fragmentos de louça preta: 2 de testão, 1 de cântaro e 1 de taça. Enche a Vala 18.

3b (10) - Terra castanha escura que enche um buraco, provavelmente de árvore, que se encontra no perfil Noroeste. Foi designado por Vala 17.

#### **Quadrado C1** (Fig. 4)

1 (2) - *Tout-venant*.

2 (7) - Camada castanha que serve de nivelamento ao *tout-venant* (nivelada em 1997). Encontra-se por toda a quadrícula, cobrindo o M1. No perfil Sudoeste encontra-se uma ombreira de porta, nitidamente fora do seu contexto.

Predominam os fragmentos de louça preta, entre os vidrados e a faiança. No grupo da louça preta as formas continuam a ser repetidas, exceptuando a chocolateira que aparece agora como novidade. Da Faiança, distinguem-se dois fragmentos de prato: um identificado como sendo fabrico de Sacavém e o outro de Viana. Este último tem uma origem hipotética, pois a identificação é baseada nos aspectos decorativos.

2a (8) - Entulho datado de 1997. Encontra-se entre os dois muros (o M1 e o M2) (Fot. I,1). Foi aqui colocado para encher esta zona, antes da existência do parque de estacionamento. Os fragmentos cerâmicos exumados correspondem ao grupo da louça preta, (esta provavelmente oriunda de Lanheses) e ao grupo de vidrados, um fragmento de forma indeterminada. Para além deste espólio foi recolhida uma moeda de 20 centavos com a data de 1925.

2b (12) - Camada de saibro de cor branca que só se encontra encostado e sobre o M2- lado Sudeste da quadrícula. Por cima do M2 apareceu uma moeda de 1925 e um fragmento de louça preta de forma não identificável.

2c **(13)** - Camada castanha escura que encosta ao M2. Para além da louça preta e da louça vidrada, com fragmentos de forma não identificada, foi recolhido um fragmento de vinagreira.

3 **(14)** - Camada argilosa, castanha alaranjada, que terá funcionado como terra de cultivo até há relativamente pouco tempo. O M1 assenta sobre ela. A Sul do M1 encontramos-a a uma cota bastante inferior e com menor potência estratigráfica.

A diversidade de materiais continua a demonstrar um grande revolvimento desta área, como de resto já havíamos analisado em camadas correspondentes noutras quadrículas. Porém, nesta camada, só foram identificados fragmentos de louça preta e de louça não vidrada. Do espólio vítreo foi exumado um fragmento de fundo, em vidro verde, com um brasão em alto relevo no exterior.

4 **(27)** - Camada castanha que enche a vala 6, que é a vala de fundação do M2. Da vala foram exumados fragmentos de quase todos os grupos cerâmicos referidos: louça preta, vidrada, não vidrada e faiança. As formas continuam a representar alguidares, cântaros, pratos e recipientes de ir ao lume. Das faianças foi encontrado apenas um fragmento de tigela, tipo Brioso, do primeiro período.

#### **Quadrado C3** (Fig. 5)

1 **(2)** - *Tout-venant*.

2 **(7)** - Camada castanha que serve de nivelamento ao *tout-venant* (nivelada em 1997). Encontra-se por toda a quadrícula.

Os materiais são heterogéneos e de épocas muito recentes. Daí que também encontremos louça de todos os tipos e outros materiais cerâmicos como o azulejo, decorado com uma linha azul sobre fundo branco em jeito de moldura. As formas de louça preta, vidrada e não vidrada e da faiança continuam a ser repetidas: o cântaro, o prato, o alguidar e a tigela. Os fabricos dos fragmentos de faiança são oriundos de Massarelos e/ou de Sacavém, talvez de Darque-Viana do Castelo, (uma vez que só nos resta para comparação algumas decorações) de importação. O fragmento que foi importado corresponderá à parte da tampa de um creme, uma vez que no exterior se lê: ...RÈME CHRY... .

3 **(14)** - Camada argilosa, castanha alaranjada, que terá funcionado como terra de cultivo até há relativamente pouco tempo.

Os materiais cerâmicos representam mais uma vez os diferentes tipos de louça apresentados até ao momento: louça preta vidrada, não vidrada, faiança e porcelana. Nesta camada, os recipientes mais comuns de louça preta são os de ir ao lume; da vidrada e da fosca as formas mais significativas são o alguidar e a tigela. De porcelana, surgiu apenas um fragmento de pires sem qualquer marca. No grupo das faianças encontramos agora o conjunto de cinco fragmentos do mesmo prato, decorado com um motivo normalmente utilizado pela fábrica de Massarelos, aliás apresentado no catálogo de louça de Massarelos com o número 77 e que aqui nos aparece com a marca da fábrica de Sacavém- SACAVÈM encimada por uma coroa- 1886-87. Para além deste conjunto de fragmentos, surgem-nos outros com decoração tipo Brioso, no seu primeiro período.

3a **(15)** - Camada de terra argilosa, castanha avermelhada. Só se encontrou no canto Oeste da quadrícula. É a terra pertencente à plantação de videiras, intercalada com árvores de fruto.



4 (32) - Camada que enche a Vala 12 e cobre a Vala 1, tem cor castanha escura e encosta ao M3 a Este.

Nela foram exumados muitos fragmentos de louça vidrada, não vidrada e preta, nomeadamente fragmentos de chocolateira ou de pote, de bureto, panela ou caçoila - isto na louça preta. Na louça vidrada, os recipientes de ir ao lume marcam a sua presença. Tanto numa como na outra a sua origem deverá circundar Barcelos e Prado. Relativamente à louça não vidrada o caso altera de figura - os centros produtores são vários assim como as formas. De Aveiro/Ovar temos alguns fragmentos de tigelas, da zona do Prado também foram detectadas tigelas, para além dos pratos, dos alguidares, desde os recipientes que passaram pelo fogo da cozinha a um elegante fragmento de vinagreira, típica da região. Por último, de Guimarães, são oriundos três fragmentos de cantarinha, decorada com incisões preenchidas a mica. Na faiança, o que é digno de registo são os dois fragmentos decorados tipo Brioso, do primeiro período.

4a (33) - Terra argilosa, de cor amarela, que enche uma bolsa. Deste enchimento foram recolhidos fragmentos cerâmicos de todos os tipos de louça que temos vindo a referir, tal como as formas.

5 (41) - Terra castanha clara, homogénea, com pedra miúda. É a terra que enche a Vala 1. Daqui apenas foram exumados dois fragmentos, um de louça preta e outro de louça não vidrada, ambos de forma indeterminada.

6 (43) - Camada castanha que enche a vala 10 e 11, junto ao perfil Sudoeste, assentando no natural.

#### **Quadrado C5**

1 (2) - *Tout-venant*

2 (7) - Camada castanha que serve de nivelamento ao *tout-venant* (nivelada em 1997). Encontra-se por toda a quadrícula. Ao contrário do que tem sido regra na camada 2 ao longo desta análise estratigráfica, aqui apenas foram exumados fragmentos de louça preta e um de louça não vidrada.

3 (14) - Camada argilosa castanha alaranjada, que terá funcionado como terra de cultivo até há relativamente pouco tempo. Para anular a exceção anterior, esta camada verifica uma grande diversidade de materiais, desde a louça preta à faiança, passando pela não vidrada e pela vidrada. Daqui também foram recolhidos alguns fragmentos de telha e um fragmento de vidro de cor verde, sem qualquer decoração visível.

4 (15) - Camada argilosa, de cor vermelha, com muitas pedras miúdas. Seria a terra do cultivo da vinha que ladeava o campo. Foi cortada a Norte pela 3a .

5 (34) - Camada castanha onde aparecem muitos fragmentos de construção e pedra miúda. Foi cortada na parte superior, junto ao perfil Norte. Os fragmentos com vestígios de uso ao lume são os mais significativos nos grupos de louça preta, vidrada e não vidrada. Na faiança não se conseguiu identificar origem de fabricos.

6 (35) - Camada argilosa, laranja acastanhada, que enche as Valas 1, 2 e 3.

#### **Quadrado D1**

1 (2) - *Tout-venant*.

1a **(1)** - Terra heterogénea que enche a vala de sondagem elaborada numa fase precedente à escavação. Enche a vala 13.

2 **(7)** - Camada castanha que serve de nivelamento ao *tout-venant* (nivelada em 1997). Encontra-se por toda a quadrícula. Os materiais são heterogéneos e de épocas muito recentes. A comprová-lo, continuamos a ter fragmentos de louça não vidrada, vidrada e faiança. Grande parte das formas são indeterminadas. Temos ainda uma chave em ferro, bastante recente.

3 **(8)** - Entulho datado de 1997. Foi aqui colocado para encher esta zona, antes da existência do parque de estacionamento.

A diversidade de materiais continua, no entanto a ser a mesma. Os fragmentos de louça preta, os de louça vidrada, os de faiança, o de porcelana e os azulejos com decoração a azul, supõem-nos um aproveitamento de terras para este enchimento, embora diversificados a natureza geomorfológica desses fragmentos continua a ser a mesma. Os três fragmentos de porcelana exumados pertencem à mesma peça, cuja forma parece identificar-se com uma travessa. Num destes fragmentos podemos observar a marca de origem, oriunda da Figueira da Foz. Para além do espólio cerâmico foi exumada uma ferradura em ferro.

**3a** - Bolsa de entulho, ainda datado de 1997, que se encontra junto ao M1.

4 **(13)** - Camada de terra castanha que cobre parcialmente o M2 (é a **2c** da C1). Dela foram exumados fragmentos de louça preta, louça vidrada oriunda da região de Barcelos, um fragmento de peça não vidrada que se supõe ser originária de Aveiro/ Ovar devido à sua pasta. Do grupo da faiança apenas foi recolhido um fragmento cuja proveniência é indeterminada.

4a **(9)** - Camada castanha que enche um buraco de árvore.

4b **(12)** - Saibro branco que cobre o M2. Nesta camada foi encontrado apenas um fragmento de azulejo, decorado com uma linha azul em jeito de moldura, sobre fundo branco.

5 **(14)** - Camada argilosa, castanha alaranjada, que terá funcionado como terra de cultivo até há relativamente pouco tempo. Encosta ao M2.

Correspondendo esta camada, em outras quadrículas, à número três, não é de admirar que a diversidade de materiais cerâmicos seja bastante acentuada. Desta forma, continuamos a ter fragmentos de louça preta, misturados com fragmentos de louça não vidrada, faiança e de porcelana. Os fragmentos de louça preta e de louça não vidrada não têm forma identificável. Dos cinco fragmentos de porcelana recolhidos, um poderá pertencer a uma tigela, outro a uma travessa e no último, identifica-se um prato. No grupo da faiança distinguem-se duas formas: tigela e prato. Um dos fragmentos de prato é decorado e tem marca da Fábrica Pereira Valente.

5a **(19)** - Camada castanha, com telhas e saibro, que se encontra na face exterior do M2, ou seja, a Sul. Nela apenas foram encontrados dois fragmentos de louça preta de forma indeterminada.

6 **(20)** - Camada de areia que corta as camadas 7, 8 e 9 a Sudeste. Só se encontra a Sul do M2. Esta camada corresponderá ao antigo caminho, substituído pela actual rua. Dela foram examinados alguns fragmentos cerâmicos de diferentes tipos de louça, grés inclusivé.

7 **(21)** - Camada castanha alaranjada que se encontra na face externa do M2 e que foi cortada quando foi elaborado o caminho, fazendo supor que o M2 já existia, quem sabe se com outra função, do que a de delimitar apenas um caminho.

8 (22) - Camada castanha escura com saibro e telhas. Destruição de uma estrutura anterior ao caminho.

9 (23) - Saibro branco. Também ele cortado pela camada de areias.

10 (24) - Camada de terra castanha escura, de onde foram recolhidos fragmento de cerâmica vidrada e de faiança. As formas identificadas foram a tigela, em ambos os grupos, e a travessa, nas faianças.

11 (25) - Camada de terra vermelha com pedras. Não foi exumado qualquer espólio cerâmico.

12 (26) - Camada castanha com carvões e material cerâmico muito diversificado.

Do grupo da louça preta foram identificados fragmentos de cântaro, de taça, de pote e dos dois tipos de testo. O fragmento de louça não vidrada recolhido não tem forma visível. Dos vidrados, foram identificados o alguidar, a tigela, o jarro e o prato, provavelmente oriundos da região do Prado. De Aveiro /Ovar veio um fragmento de tigela. Do grupo das faianças temos várias formas desde a tigela, ao prato, da travessa ao gomil. Um dos fragmentos de travessa é decorado e tem a marca da Fábrica Aleluia de Aveiro. O fragmento de porcelana recolhido não tem decoração visível mas tem um brasão como marca. Para além de todo este espólio, foram exumados mais cinco fragmentos de azulejo decorados com uma linha azul sobre fundo branco.

### **Quadrado D5**

1 (2) -*Tout-venant*.

2 (7) - Camada castanha que serve de nivelamento ao *tout-venant* (nivelada em 1997). Encontra-se por toda a quadrícula. Os materiais cerâmicos limitam-se a seis fragmentos de louça preta, dois de cântaro e quatro de forma indeterminada. Encosta ao M6 (que é o muro do quintal).

3 (14) - Camada argilosa, castanha alaranjada, que terá funcionado como terra de cultivo até há relativamente pouco tempo. Também encosta ao M6. Continua a predominar o material cerâmico nos seus diferentes tipos de louça e nas suas formas, maioritariamente domésticas.

4 (15) - Camada argilosa, de cor vermelha, com muitas pedras miúdas. Será a terra do cultivo da vinha que ladeava o campo. Ao contrário das camadas das outras quadrículas que lhe fazem correspondência, desta, foram recolhidos muitos fragmentos cerâmicos e de grande diversidade: desde a louça preta, à louça vidrada, à não vidrada, à faiança ou à porcelana. De entre todo o conjunto, há que realçar uma novidade: um fragmento de louça preta, decorado com incisões preenchidas com mica.

5 (34) - Camada castanha onde aparecem muitos fragmentos de construção e pedra miúda. Daqui saíram fragmentos cerâmicos de todos os grupos já referidos e com formas de cariz predominantemente doméstico. Destacamos um fragmento de faiança, cuja decoração nos levanta a dúvida da proveniência entre o Brioso- Coimbra, primeiro período e o Aranhão de Lisboa.

6 (35) - Camada argilosa, laranja acastanhada, que enche as valas 4 e 5.

### **3 - ESPÓLIO**

De uma forma reduzida, iremos apresentar a estrutura deste capítulo, que tem como principal objectivo a apresentação e reflexão sobre os materiais recolhidos durante a intervenção

arqueológica realizada no futuro Parque de Estacionamento da Câmara Municipal de Ponte de Lima. Como não pretendemos tornar assunto exaustivo, optámos por uma divisão cujo critério foi a matéria-prima que constitui cada peça. Desta forma e num primeiro ponto, agrupámos todo o espólio cerâmico que inclui vários tipos de louça, azulejos e outros materiais em argila. Segue-se a análise de metais e em terceiro lugar a dos vidros. Por último, um grupo que designámos por “outros materiais”, que, como o próprio nome indica, é reservado a materiais diversos. Em cada um destes pontos existe uma breve introdução que expõe, mais especificamente, a estrutura e os objectivos a que nos propomos. O primeiro grupo – o do espólio cerâmico – é, sem dúvida, o mais complexo, uma vez que também é o que tem maior número e diversidade de fragmentos. É este também o único grupo que tem vários pontos, consequência óbvia da diversidade e com o intuito, nosso, de conseguirmos uma exposição mais objectiva. O primeiro ponto do capítulo de cerâmica corresponde ao grupo de louça preta, identificando a sua proveniência, formas e decorações. O segundo, trata da louça não vidrada, isto é, louça vermelha oriunda de Prado, louça de Aveiro e ainda a castanha, também ela de origem em Prado. Segue-se a louça vidrada e o grupo das faianças, azulejos e porcelanas. O capítulos dedicados aos metais, aos vidros e a outros materiais são mais descritivos, uma vez que a quantidade de material não é, sequer, comparável ao do espólio cerâmico.

### 3. 1- O espólio cerâmico

O espólio cerâmico é o grupo constituído por fragmentos de diferentes tipos de louça, por fragmentos de telha e de azulejo. O seu tratamento começou quando, ainda em campo, se procedeu à sua divisão por quadrículas e, em cada uma delas, por camadas. Após a lavagem, os fragmentos foram inventariados com a sigla identificativa da intervenção- PECPL/98- com a designação da quadrícula, por exemplo- B1, com o número da camada numa circunferência em redor - Â- segue-se, por último, um número de inventário, cuja listagem se inicia e acaba em cada camada, isto é, em cada uma delas a numeração dos fragmentos começa no número 1. Passámos depois à análise deste material, começando por agrupar fragmentos da mesma camada em “tipos de louça”. O resultado encontra-se junto à análise estratigráfica. Quanto a este capítulo, o objectivo não é tanto apresentar o que se encontra em cada camada, até porque nos estaríamos a repetir: é antes um reflectir sobre cada um destes grupos cerâmicos, sobre a sua origem, as suas decorações, as suas formas e as suas pastas. Procuramos as similitudes e as divergências sobre o que se tem escrito e encontrado, propondo-nos a repensar e contribuir para o estudo desta cerâmica cujas origens e cronologias, por vezes, não são tão esclarecedoras como de início se nos apresentam. Esperamos também daqui tirar algumas ilações, para em conjunto com a análise estratigráfica, avançarmos com cronologias para as estruturas encontradas durante a intervenção.

Os diferentes grupos de louça que definimos obedeceram a determinados critérios, que passaremos a apresentar em seguida:

- O grupo de louça preta é constituído por todos os fragmentos “ *de pastas escuras, dentro das gamas dos cinzentos escuros e dos acastanhados, típicos de uma cozedura redutora...*” (Barroca,1993,167).

- Relativamente ao grupo da louça não vidrada, optámos por incluir fragmentos de pasta rosa, avermelhada, alaranjada, ou castanho com tons rosados, sem qualquer tipo de vidrado na superfície. Daí que tenhamos incluído fragmentos de tigelas oriundas de Aveiro/ Ovar, com pastas em tons laranja e vermelho, como também louça do tipo Prado com pastas castanho, bege e cinzento claro, de cozedura oxidante e com decoração picotada. Alguns autores apontam-lhe uma

cronologia entre os finais do século XIII e os inícios do século XIV.

- Na louça vidrada foram considerados os fragmentos com vidrado de chumbo em ambas as superfícies ou em apenas uma delas, com decoração floral ou geométrica, a amarelo ou a rosa. No fundo, todos os fragmentos que sofreram a introdução de “*substâncias (que) determinam em escala diversa a variação chromica do barro cosido, ou seja em toda a superfície que recebeu o induto crystallino ou accessoriamente na ornamentação geométrica que decora a loiça e que, ordinariamente, se apresenta amarella*” (Peixoto, 1906,17).

- O grupo das faianças, azulejos e porcelanas foi de mais difícil definição, uma vez que existem fabricos similares mas de origem distinta e que, sem qualquer marca, se tornam impossíveis de identificar. Outro problema com que nos tivemos de debater foram as dimensões dos fragmentos, que nos dificultaram a tarefa, quando pretendíamos estabelecer comparações através de critérios decorativos. Apesar disso, não nos restaram grandes soluções quando não tínhamos marca no fragmento, senão as de seguirmos esse mesmo critério. Assumindo todas estas incertezas, tentamos contribuir para um melhor conhecimento da comercialização da louça de vidrado estanífero e da sua associação com o conjunto estrutural resultante dos trabalhos de escavação. O facto deste grupo ser composto por faianças, porcelanas e azulejos tem uma explicação que será encontrada na introdução deste último ponto.

### 3. 1. 1- A Louça Preta

Os fragmentos de louça preta exumados durante a intervenção pensamos que sejam oriundos de dois centros oleiros distintos: Prado e Lanheses. Sobre o primeiro, Isabel Maria Fernandes<sup>1</sup> diz-nos que só “*no séc. XVII (1645) é que encontramos a primeira referência ao fabrico da louça preta.*” Confirma-o António de Sousa Araújo, com o relato de um emigrante português em 1645 que dizia que na vila de Prado “*se labran gran cantidad de basijas negras finas, com que se prouee entre Duero y Miño...*”. Referia-se ele à louça de Parada de Gatim, embora saibamos que também se produzia em S. Mamede de Escariz. “*Os Oleiros de Parada de Gatim e de Escariz fabricavam louça utilitária, ou seja, para uso ordinário ou doméstico. Uma destinava-se a ir ao lume. Outra servia para armazenar líquidos...*” (Peixoto, 1906,17). Quanto ao comércio desta louça, parece que Ponte de Lima foi ponto privilegiado: “*Como é de crer, a louça seguia sempre pelos caminhos dos feirantes, dos almocreves, dos carreteiros.(...) Sabemos que Ponte de Lima beneficiou duma das principais redes de transportes fluviais e terrestres*” (Fernandes, 1997,7). A louça, quando era transportada por via terrestre, fazia-se muitas das vezes pela força das mulheres com os molhos à cabeça. Ainda no artigo de António de Sousa Araújo é referida a grande aceitação da olaria de Manuel Alonso, oleiro de Escariz, “*tanto em Braga, como no Porto ou Ponte de Lima*”<sup>2</sup>.

O segundo centro produtor é o de Lanheses “*na margem esquerda do Rio Lima, junto à estrada que une Viana do Castelo a Ponte de Lima*”. Surgiu mais tarde do que os da zona de Prado, mas das mãos de um barcelense (um oleiro oriundo de Oliveira, actual freguesia do concelho de Barcelos e onde ainda hoje se produz louça vermelha fosca). A sua produção ter-se-á iniciado no início do século XIX e terminado nos anos 40 do nosso século. “*A louça vendiam-na nas feiras de Lanheses, Viana do Castelo e Ponte de Lima...*”, diz-nos Isabel Fernandes, seguindo uma informação publicada em 1940 por Gabriel Gonçalves. O transporte fazia-se pelo rio de Viana até Ponte de Lima e de Lanheses a Ponte de Lima, por via terrestre, na maioria das vezes pela mulher que ia a pé. Segundo Gabriel Gonçalves, produziam-se cântaros, panelas, caçoilas, púcaros, chocolateiras, copos e vasos. Isabel Fernandes aumenta este rol de formas com: “*alguidares, almofarizes, assadeiras(...), burretas, burretos(...), malgas, moringas (...) e vinagreiras*” (Fernandes,

1997, 7 a 42).

Das formas identificadas, encontramos no nosso grupo de louça preta fragmentos de tigela, de chocolateira, de burreto, caçoila ou panela (estes descritos em conjunto, pois são recipientes de ir ao lume e o único elemento identificável é o queimado da superfície exterior) (Fig. 11.1 e 11.6), dois tipos de testo (Fig. 7.5 e 11.2), um deles vulgarmente designado *em ladeira* e os cântaros, que também têm várias categorias segundo a sua técnica de fabrico. Foram então diferenciados cântaros elaborados à moda de Guimarães (B1-Â- 34), isto é, “*a asa grande era puxada no próprio cântaro, e nascia não do colo, mas do topo do bordo*” e os fabricados à moda de Prado.

Relativamente à decoração “*quando existe, consta de impressões, (feitas com os dedos, com os ponteiros rombos, com carretilhas) e riscos*” (Fernandes, 1997), isto em Parada de Gatim e Escariz. Relativamente a Lanheses, parece que a decoração era ainda mais pobre, limitando-se a riscos espiralados e a uma ondulação do bordo do cântaro.

As origens do espólio de louça preta que recolhemos tem alguma desta decoração. Seguindo um pouco este critério poderíamos apontar como sendo de Lanheses os fragmentos de cântaro de água com o bordo ondulado e incisões no colo. De Parada de Gatim, Escariz ou até de Lanheses poderão ser todos os fragmentos que temos com linhas incisivas rectas, em meandro, em zigue-zague e entrançadas, bem como o pontilhado e a impressão digital.

De Guimarães, parece-nos ser oriundo um fragmento decorado com incisões preenchidas com palhetas de mica (D5A 22). Em jeito de passagem de testemunho para um próximo ponto, resta-nos acrescentar que a origem hipotética destes fragmentos baseia-se um pouco na proximidade e semelhança decorativa, para além dos relatos relativos à comercialização deste tipo de louça. Não deixamos de lado que possa ser possível outra qualquer origem, até porque Ossela também foi um grande centro produtor de louça preta.

### 3. 1. 2- Louça não vidrada

Àcerca da louça não vidrada, também vulgarmente designada por louça ordinária ou fosca, temos a distinguir quatro centros produtores. Outros poderão estar presentes, embora a parca decoração e a dimensão dos fragmentos não nos permitam maior abordagem ou melhor identificação. Provavelmente, só uma análise química auxiliaria a identificar outras zonas de fabrico, uma vez que a observação macroscópica das pastas, a decoração e as formas não são suficientes para alargar este leque de opções.

Apresentadas as dificuldades aqui ficam, em seguida, os nossos quatro prováveis centros produtores.

#### - O centro produtor de Aveiro/ Ovar

“*A abundância argilífera do subsolo vouguense constituirá assim uma das razões para compreender a grande tradição oleira da região de Aveiro, que remonta a épocas muito antigas. Na realidade, a actividade olárica acha-se testemunhada no aro da cidade desde a primeira metade do século XV, a partir de uma relação de propriedades do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra de 1431 publicada por Rocha Madahil...*” (Silva, 1996, 53-77). Para além desta referência e especificamente sobre a louça vermelha, outra datação existe, resultante da análise “*de um casco de navio datado pelo radiocarbono da primeira metade do século XV, coberto e envolto pelo que resta de uma carga de louças de fabrico comum de feição regional...*” (Alves, 1995, 185-210).

Esta data aponta para o ano de 1440 e o espólio exumado corresponde a formas como

tigelas, com várias variantes (Fig. 8.2 e 8.3), prato, terrina, alguidar e testo. Das formas fechadas foram identificadas o púcaro, as canecas, os potes, as cantarinhas e as bilhas e o cântaro (Fig. 14.3) grande de louça vermelha.

Ao nosso espólio vamos tentar traçar-lhe um percurso. Como referem alguns autores, a louça vermelha foi produzida “a escassos quilómetros da cidade e a vila de Ovar, (...) A produção de louça vermelha na própria cidade (Aveiro), cuja antiguidade já foi recordada, parece ter-se extinguido...” (Silva, 1996, 55). O que não parece ter acontecido com a produção de Ovar uma vez que estão documentadas algumas fábricas “de louça vermelha em S. Cristovão de Ovar- 1852-1881...” (Silva, 1996,75). Daqui resulta a nossa opção em apresentar uma região de origem Aveiro/ Ovar e não apenas um só centro produtor.

Após o seu fabrico, a louça tinha o seu destino para o mercado local e para a “Beira Baixa e Alta e o Minho, sendo a cidade do Porto um bom centro distribuidor.” (Amorim, 1998, 70-78). Para além do, Porto sabemos que Viana do Castelo acolhia grande quantidade de louças oriundas da região de Aveiro, como o demonstrou Inês Amorim com um quadro de entrada de louça no porto de Viana. A observação desse quadro permite perceber que em 1744 entraram 666,5 dúzias de tigelas vermelhas, através de duas cargas; em 1760 e 1764, em três cargas, chegaram àquele porto as seguintes quantidades: 240 unidades de louça de Aveiro, 380.500 de louça vermelha, 2025 tigelas e alguidares, cântaros, 2010 servidores e almotolias, até 1777 onde entram 20 mil unidades de louça vermelha.

As tigelas eram as peças mais procuradas, a avaliar pela quantidade fabricada entre 1862 e 1877. De acordo com os números apresentados por António P. Silva, em 1862 foram fabricadas 5000 tigelas, o que correspondia a 22% da produção total e em 1876-77, algo como 36.000, o que significa 74,5% da produção total.

Analisando com algum pormenor estes dados, poderemos questionarmo-nos sobre os motivos de tal aumento de produção, ou o porquê deste tão significativo comércio com o Minho. Não são descabidas as “perspectivas de consumo” apresentadas por Inês Amorim quando esta diz que o “crescimento demográfico acentuado, desde o século XVII, e ao longo do século XVIII, nas áreas do litoral arenoso ainda por colonizar, justifica, à partida, uma maior procura quer de materiais de construção, quer de consumo doméstico...” (Amorim, 1998,71). Mas se por um lado “justifica”, por outro não nos parece suficiente, pois existem outros centros produtores- mais próximos até! Então, e a qualidade? Aquela que o padre Carvalho da Costa refere: “barro formado em louça encarnada, tão dura quase e tão durável como pedra(...) especialmente pelas invenções várias de púcaros e quartinhas...” (Amorim, 1998, 73). Não será a qualidade um bom motivo para se comercializar tanta louça vermelha no Minho?

No grupo dos materiais recolhidos nesta escavação, predominam as tigelas de entre todas as formas identificadas. Tigelas essas que se assemelham às identificadas no grupo VEROV (louça vermelha de Ovar), apresentadas no estudo da cerâmica resultante da intervenção arqueológica da Casa do Infante no Porto, onde é “caracterizado pela coloração vermelha alaranjada das pastas que frequentemente se encontram revestidas com engobe de tonalidade vermelha mais escura ou levemente acastanhada.” (Barreira, 1995, 169). Tal como acontece na Casa do Infante, também aqui a forma mais significativa é a tigela. Para além, desta ainda nos foi possível identificar no nosso espólio formas como o cântaro, o prato (?) e a bilha(?). Para finalizarmos o percurso temos de seguir o caminho dos feirantes e das feiras de Viana do Castelo para Ponte de Lima.

### - O centro produtor de Guimarães

Os fragmentos cerâmicos atribuídos, com garantia, a Guimarães resumem-se a uma única forma: a cantarinha.

Acerca da produção de louça vermelha em Guimarães é “ *geralmente reconhecida a existência de um estreito parentesco formal entre os produtos das olarias de Barcelos e de Guimarães...*” (Macedo, 1996, 19). A cantarinha destacou-se entre a louça fabricada, não só pela sua boca “*engalhetada*”, mas e principalmente, pelo “*carácter peculiar da sua ornamentação, elaborada com palhetas de mica sobre incisões*”. “ *Consiste este processo de ornamento na*” aplicação de palhetas de moscovite sobre os cavados da ornamentação geométrica incisa e ainda sobre os florões, aves, carrancas, brasões e outros acessórios figurados com que é de uso embelezar esta olaria” (Peixoto, 1906, 270-272). A sua função era a de servir de prenda, daí que fosse inicialmente conhecida como cantarinha das prendas, sendo-lhe mais tarde atribuído o nome de cantarinha de Guimarães. No entanto, não será de excluir a hipótese de algum destes fragmentos serem também oriundos de Prado. De acordo com Isabel Fernandes, também neste centro produtor, juntamente com a cerâmica preta, produziu-se cerâmica vermelha decorada com moscovite. De entre todo o espólio exumado no PECPL/98 apenas quatro fragmentos se atribuem a Guimarães, três da camada 4 da quadrícula C3 (Fig. 7.2) e um da camada 4 da quadrícula D5.

### - A louça fosca do extinto concelho de Prado

O terceiro centro produtor de louça não vidrada é aquele que se nos apresenta mais complexo, uma vez que a sua tradição barrista remonta à época medieval e chega ao início do século XX. Segundo Mário J. Barroca, as pastas de cozedura oxidante apresentam uma coloração em tons laranja, “*bege ou cinzento claro*” e demonstram como o “ *centro oleiro de Prado/ Cervães parece ser um dos primeiros centros oleiros do Entre- Douro- e- Minho a optar por este tipo de atmosfera de cozedura e a renunciar à exclusividade das cozeduras francamente redutoras que caracterizam a maior parte das produções cerâmicas medievais desta zona.*” (Barroca, 1993, 167). Estas cerâmicas de cozedura oxidante e de cronologia ainda medieval têm uma decoração específica, como refere o autor acima indicado: “ *as asas apresentam uma tendência significativa para a secção em U, muito embora também surjam muitas asas de fita e bastantes asas torsas. Em qualquer das opções é característica a presença de um «picotado» irregularmente disperso por toda a superfície da asa, por vezes alargando-se a outras áreas da peça, nomeadamente o bordo.*” (Barroca, 1993, 167).

Identificadas que estão as cerâmicas não vidradas medievais, é-nos menos difícil definir o nosso grupo correspondente a este período, após séc. XIII. Gostaríamos, igualmente, de ter tão poucas incertezas noutra louça não vidrada com outro tipo de características. É que muito embora apresentem pastas similares às usadas na região do Prado, o certo é que o fabrico poderia ser feito em outro local, como por exemplo em Lanheses, já durante o nosso século. Desta forma, não temos origem nem cronologia fixa para os fragmentos que surgem em camadas onde igualmente se encontraram fragmentos datados do séc. XX. Apesar de todas estas dúvidas, certo é que na região de Prado, nomeadamente em Oleiros, Prado, Cervães e Cabanelas se produziam “*louças utilitárias domésticas*” foscas há muito tempo e que eram vendidas, tal como a louça preta, em feiras como a quinzenal de Ponte de Lima.

Nos nossos fragmentos foram identificados o alguidar (Fig.7.1), o cântaro, (Fig. 7.3), o boião (Fig. 8.6), a tigela (Fig. 8.1, 8.5, 8.7), a panela e a caçoila (Fig. 8.4), o prato (Fig.14.5) e a vinagreira. Esta última constitui um dos nossos problemas quando tentamos separar louça preta e não vidrada de fabrico do Prado. Os dois fragmentos de vinagreira que recolhemos têm uma



superfície negra, o que nos leva a crer que pertencerão ao grupo da louça preta, até porque esta forma é comum neste grupo de louça. Certo é, também, que a pasta sofreu uma cozedura oxidante, obtendo uma coloração vermelha acastanhada. Aqui se levanta a questão- em qual dos grupos inserir? Optámos por colocá-la neste grupo porque, apesar da forma e quem sabe, da tentativa do oleiro em fazer uma peça de louça preta, de facto a pasta traiu a intenção.

A finalizar, um breve apontamento relacionado com o cântaro minhoto aqui representado em 39 fragmentos da mesma peça, exumados da camada 5 da quadrícula D5. O cântaro da água é uma forma muito identificada neste grupo cerâmico. Estará relacionado com a vida agrícola e com as actividades domésticas. De uma das variantes, destacamos o cântaro de “baranda” ou varanda, por ter o bordo com aba horizontal. O cântaro de varanda é sempre de louça vermelha. Faz-se em Barcelos e fez-se também em Monção e Lanheses.” (Macedo, 1996, 339). A sua venda também se fazia por Viana do Castelo e Ponte de Lima. As decorações limitavam-se a incisões que representavam motivos geométricos.

#### **- O centro produtor de Lanheses**

Deste último centro oleiro pouco se sabe, a não ser que, em 1910, Lanheses possuía “ 9 fornos «ocupando 130 operários»”- informação que nos parece pouco verosímil, uma vez que sobre a produção em Lanheses, o mesmo autor referenciou a presença de 18 industriais e 70 trabalhadores para a louça ordinária, preta, amarela e vermelha, fazendo um número menor e pondo em causa o anterior. Independentemente do número de trabalhadores, parece ter existido produção e esta era vendida também por Ponte de Lima.

#### **3. 1. 3 - O vidrado de chumbo**

O grupo de louça vidrada é constituído por fragmentos de cerâmica com vidrado de chumbo em uma ou ambas as superfícies, vidrado esse transparente ou apresentando outras colorações, devido à cozedura ou à junção de óxido de cobre para ficar com uma coloração verde.

A maioria dos fragmentos deste grupo deverão ser originários da zona de Prado/Cervães, embora pensemos também ter presentes alguns fragmentos das Caldas da Rainha. A produção na zona “Prado / Cervães ultrapassou em muito os tempos medievais, tendo sobrevivido até aos nossos dias. Já vimos como em 1628 as suas olarias continuavam a abastecer a cidade do Porto, com cerâmicas vidradas e não vidradas .” (Barroca, 1993,169). Se por um lado, temos a opinião de M. Barroca, por outro lado, Rocha Peixoto apresenta-nos a vulgaridade desta louça : “A cerâmica vitrificada, à qual cabe mais particularmente a denominação vulgar que a distingue no commercio, embora se lhe associe frequentemente a do grupo fosco, é provavelmente a de exploração mais intensa e ainda a que oferece maior variedade de productos.” (Peixoto, 1906, 270-272).

É desta variedade que iremos tratar em seguida.

No grupo que estudamos, a diversidade de formas e decorações é bastante acentuada. Começando pelas decorações, temos motivos que representam linhas concêntricas, curvas, ondulados, pontos e motivos florais, em tons amarelo ou rosa. As formas, essas não diferem das mencionadas anteriormente para a louça não vidrada: tigela (Fig. 10.6, 13.2, 13.4, 13.5), alguidar (Fig. 10.4, 12.1, 12.5 e 12.6), panela, caçoila (Fig. 12.2), pote ou jarro, cântaro (Fig. 13.1), testo, travessa, prato (Fig. 12.3 e 13.3) e, embora com algumas dúvidas, parece-nos surgir ainda o porrão. Por último, um fragmento de uma peça que é no mínimo curioso- uma ave, totalmente coberta com vidrado transparente e decorada com linhas a amarelo. A sua função parece ser a de pega de testo e a sua forma assemelha-se às aves colocadas no testo da pucarinha das prendas.

Terão os barcelenses imitado a pucarinha de Guimarães em louça vidrada? Eis uma questão para a qual não temos resposta, apesar de ser um desafio interessante saber até que ponto o prestígio e o requinte decorativo da pucarinha de Guimarães foi ou não cobiçado. É bem provável que o fosse!

### 3. 2 - Faianças, Azulejos e Porcelanas

Se numa primeira abordagem nos parecem dissociáveis as faianças, os azulejos e as porcelanas, num segundo tempo iremos relacioná-los com alguma facilidade. Não nos iremos alongar demasiado com a história da louça branca até porque houve e há quem se debruce exclusivamente sobre o assunto. Não é esse o nosso objectivo. Desta feita, o que pretendemos e temos tentando ao longo de todo este capítulo sobre espólio cerâmico, tem sido apresentar os fragmentos recolhidos, enquadrando-os num espaço, numa época e numa determinada função. Os conceitos não os iremos questionar, embora se coloquem algumas interrogações em certas teorias sobre origens e cronologias. De qualquer forma há uma explicação a dar sobre o facto de unirmos num só grupo faianças, azulejos e porcelanas. Essa explicação é plausível quando todos os fragmentos pertencem ao grupo de louça branca, quando as faianças e os azulejos têm um aparecimento no mercado quase em simultâneo porque: *“tudo leva a crer ter existido, e haver-se desenvolvido, em Portugal, na segunda metade do séc. XVI, a produção de uma cerâmica/ faiança de raiz nacional. (...) A fabricação de azulejos em Portugal seguiu processo idêntico e começou ligeiramente mais cedo. (...) Estas duas produções andavam geralmente a par uma da outra, dado seguirem a mesma técnica, e, logo de início as fábricas se haverem ocupado, simultaneamente, de ambas as produções”* (Staff, 1997). A mesma opinião tem Arthur de Sandão, quando diz que *“louça e azulejo pertencem em regra, aos centros de comum actividade, facto observado ainda no final do séc. XVIII em unidades estabelecidas para produzir louça, como nas fábricas do Juncal e Darque (Viana do Castelo).”* (Sandão, 1988, 37-38).

Quanto à porcelana, segundo Staff, só parece ter tido real produção a partir de 1824, quando foi fundada, *“na região norte de Portugal, perto de Aveiro, em Vista Alegre, de que recebeu o nome, a primeira fábrica de porcelana”* (Staff, 1997, 29). Não descuramos, no entanto, a hipótese de outras fábricas de faiança produzirem também porcelana, até porque como já havíamos visto com os azulejos, existem produções paralelas.

Quanto ao espólio desta escavação, temos consciência que as reduzidas dimensões dos fragmentos nos poderão induzir em erro, seja quanto às formas – tigelas (Fig. 9.2 e 9.5), pratos (Fig. 9.4 e 9.6), ou testos (Fig. 9.3) - e quanto aos locais de fabrico. Apesar das muitas incertezas ousámos, embora alertando para a devida interrogação, atribuir- de acordo com determinados motivos e colorações decorativas- uma origem de fabrico. Quanto a cronologias o quadro complica-se, pois não existindo marcas, passamos de imediato para o campo das hipóteses. Também é verdade que, como ponto de partida, há sempre aquela que nos foi facultada por Arthur de Sandão: *“O início da faiança em Portugal relaciona-se com as cartas que especificam o ofício de branco, de harmonia com o Regimento de 1572...”* (Sandão, 1988, 38). É também verdade que alguns autores, como Sven Stapf, já anularam a marcação de peças datadas dos finais do séc. XVI, apontando-as para um século depois. No nosso grupo de faianças as marcas não nos permitem recuar até tal data, mas certamente que alguns dos fragmentos com vidrado estanífero casca de ovo poderão pertencer a um fabrico anterior ao séc. XVII.

Antes ainda de partirmos para cada fabrico individualmente, queremos deixar aqui um breve apontamento sobre a produção de faiança em locais de tradição barrista. Falamos do Prado, que, para alguns, não chegou a ter produção de louça branca. Arthur de Sandão por

exemplo, ao referir José de Queiroz, afirma que este “ao coordenar a linha geral do grupo cerâmico, considerado até então e por ele próprio da minhota localidade de Prado – famosa sem dúvida pela sua olaria mas sem qualquer relação com a faiança que nunca ali foi produzida- certificou-lhe a origem e denominou-o do «Monte Sinai». Mas acabou por concordar com José Queiroz quando este escreveu: “ «venho desmanchar o meu erro. Ele foi devido à coincidência de essa peça ter internamente a designação Prado e estar externamente marcada com um **P** e não ser este o único exemplar com esta marca»” (Sandão, 1988, 52).

Perante esta imagem temos de questionar. Estaria José de Queiroz errado quanto à sua hipótese inicial? Por que motivo o **P** como marca? Que coincidência, quase irónica, encontrar pratos com a marca **P** externamente e a palavra Prado e Viana do Castelo no interior!... Pratos com o nome de terras nortenhas produzidas na capital? É claro que poderemos sempre imaginar a sua venda mais a norte. Mas deixemo-nos de rodeios, passemos ao que poderá ser concreto, e desde já avisamos que não passam de meras hipóteses, uma vez que também não queremos chegar ao extremo de afirmar que «Monte Sinai» nunca existiu! Alertamos sim para que se reveja a marca **P** e a origem e cronologia dos pratos apresentados por Arthur de Sandão, que os data do séc. XVIII e que Sven Stapf recua um século: os tais fragmentos anteriormente referidos, com decoração interna a azul cobalto sobre fundo branco e com o nome de duas terras minhotas ao centro. O que nos parece é que a hipótese inicial de José Queiroz não será assim tão descabida, pois Eduardo Pires de Oliveira publicou um documento que comprova o fabrico de louça branca no Prado em 1775 e que transcrevemos em parte: “ *Provisão porque Vossa Alteza Real há por bem fazer mercê ao suplicante Francisco, solteiro, filho de Mariana Francisca, viúva, da freguesia e Couto de Salvador de Cervães de o prover no cargo de juiz do ofício de oleiro de louça branca gozando dos privilégios que por ele lhe são concedidos, na forma acima indicada...*” (Oliveira, 1988, 104). Perante estes dados torna-se-nos impossível não questionar a datação.

Como já anteriormente havíamos referido, um dos critérios usados para definir uma origem de fabrico tem sido a decoração. Alertamos para a possibilidade de existirem alguns erros nessas definições, pois como todos sabemos, as cores e os motivos decorativos foram repetidos e imitados por outras fábricas. A título de exemplo, vejamos os fragmentos que definimos como sendo oriundos da fábrica de Darque-Viana do Castelo:

Quadro I

Quadrícula/ Camada	Forma	Decoração
A2- 2	tigela	Motivo vegetal a verde sobre fundo branco
A4- 1	tigela	Motivo floral a amarelo, azul e rosa sobre fundo branco
A6- 2	Ind.	Motivo floral a verde azul e amarelo s.f.b.
B1- 2	Ind.	Motivo vegetal a castanho, amarelo, azul e rosa s.f.b.
B3- 3	Prato	Motivo vegetal a verde, rosa e amarelo
C1- 2	Prato	Motivo vegetal a verde, azul, laranja e amarelo
C3- 2	Ind.	Motivo a castanho sobre fundo amarelo na superfície exterior

C3- 3	Tigela	Motivo vegetal a verde, azul, e amarelo
C3- 4	Tigela	No interior- linhas laranja, amarelo, verde e azul
D1- 12	Prato	Pétalas a azul com uma linha a amarelo torrado
D5- 4	Tigela	Motivo vegetal a verde e laranja, motivos geométricos a azul e amarelo s.f.b.

As decorações, como vimos, expressam motivos vegetais e/ou florais em tons amarelos, laranja, verde e rosa, quase todos sobre fundo branco. Se analisarmos as faianças de Estremoz e os tons e os motivos são muito semelhantes o que nos leva a considerar as hipóteses que colocamos.

Para além destes, temos por exemplo, vários fragmentos de um prato descrito no catálogo da fábrica de Massarelos da seguinte forma: “ *Peça moldada. Forma circular, de covo pouco acentuado e aba estreita. Decoração por técnica de impressão, a azul sobre fundo branco. No centro paisagem de influência oriental(...). A cena é envolvida por uma faixa de motivos reticulados e em losango alternados; na aba cercadura de motivos reticulados rematada por motivos vegetais, gregas, círculos e volutas.*” (Baldaque, 1998). A questão é que entre os fragmentos com esta decoração, apareceu-nos um com a marca da fábrica de Sacavém, encimada por uma coroa e que se relaciona “ *com a atribuição do título de Barão Howorth de Sacavém (16 de Julho de 1885)*” (Assunção, 1997, 142), o que confirma mais uma vez a repetição de temas. No catálogo da fábrica de Sacavém, encontramos um prato com a mesma decoração e datado entre 1887-1894, pertencente ao Museu Municipal de Loures (Assunção, 1997).

Da fábrica de Sacavém serão também os fragmentos com o tema do cavalinho e todos aqueles que possuem marca. Àcerca destes veremos, em seguida, um quadro de correspondências cronológicas.

Quadro II

Quadrícula/ Estrato /nº inventário	Marca/ Cronologia
A2-3 nº8	GILMAN & CTA- 1902/4 a1918 ou 1921 a 1970
A4-1 nº21	Marca semelhante à de Gilman se a palavra Portugal por baixo- 1918(?)
B3-2 nº 7	GILMAN & CTA- 1902/4 a1918 ou 1921 a 1970
B6-2 nº 7	REAL FÁBRICA DE SACAVÉM- B.H.S.- 1894 a 1902
C3-3 nº26	SACAVÉM- encimada por uma coroa- 1886 a 1887
D1-3 nº14	GILMAN & CTA- 1902/4 a1918 ou 1921 a 1970

Analisando o quadro II e todas as marcas, chegamos à conclusão que não existe muito de novo para acrescentar, apenas um breve apontamento ao fragmento B6-2 nº7, com a marca *REAL FÁBRICA DE SACAVÉM*, que aqui não aparece com a indicação B.H.S. (Baronesa Howorth de Sacavém) na parte inferior, mas sim na parte superior. Relativamente ao fragmento A4-1 nº 21, por não possuir a palavra Portugal por baixo da marca, pensamos datar de 1918, altura em que

a firma Gilman tinha a marca Gilman Lda. Todos os outros fragmentos não diferem das marcas já conhecidas e devidamente identificadas. De ressaltar, todavia, um fundo de malga onde, para além da marca atribuída ao período de 1918, há ainda o nº 771 também pintado a verde. Dubidativo, quanto à sua origem, é um fragmento de travessa decorado a azul-cobalto. É provável que seja originário de qualquer uma destas duas fábricas.

Para além de Sacavém, Viana ou Fervença (com cores algo semelhantes), Massarelos inclui-se no nosso espólio, também em número significativo.

Como já havíamos visto, os fragmentos cuja decoração é impressa ou feita por estampilha e que não têm marca, podem ter várias origens, uma vez que os motivos decorativos se repetem. Também já aqui referimos a existência de vários fragmentos de uma mesma peça em forma de prato e decorada com um tema de inspiração oriental, na linha do número 77 do catálogo da fábrica de Massarelos (Baldaque, 1997). Este, para além de algumas diferenças de pormenor ao nível do desenho, tem a marca gravada, da fábrica de Sacavém e foi fabricado entre 1887 e 1894 pela técnica de estampilha (Assunção, 1997, 27). Outros, com a mesma decoração, mas sem marca, foram encontrados na quadrícula A2, camada 3, na A6 camada 2, na B1-3, na B2-2, na B4-2, C3-2 e D1-5 a . Para além destes fragmentos, mais alguns foram identificados, através da decoração, com peças da fábrica de Massarelos, por exemplo, um fragmento de asa semelhante à de um bule representado na Mostra de Faiança (Noites, 1998) e datado de 1873-7 (A4-1). Com decoração igualmente semelhante ao número 76 do catálogo da fábrica de Massarelos (Baldaque, 1997) é o fragmento número 15 da A6-2, com motivos florais e impressão laranja sobre fundo branco. Com decoração similar ao número 8 do mesmo catálogo, são dois fragmentos: um de prato da quadrícula B1-3 e outro, de travessa, da B2-2.

De Coimbra, são os fragmentos identificados com os de *Tipo Briosos*, da primeira metade do século XVIII (Barreira, 1995), com decorações pintadas a azul e a azul e vinoso sobre fundo branco. Foram exumados fragmentos de pratos (Fig. 9.6) e tigelas das seguintes quadrículas e respectivas camadas: B1-3, B3-3, B3-5, B3-7, B4-3, B4-5, C1-7, C3-3, C3-4, C3-4 a e D5-5. Este último é bastante questionável, uma vez que a sua dimensão não permite identificá-lo de forma objectiva, podendo-se também colocar a hipótese de ser um fragmento com decoração tipo *aranhão*. Oriundo de Coimbra, parece-nos ser um fragmento da B1-2 com um *borrão* a amarelo torrado, similar aos encontrados nos pratos de louça Ratinha (Pereira, 1998).

Bastantes são os fragmentos decorados e para os quais não encontramos fábrica adequada, porque são minúsculos ou porque os motivos se repetem de fábrica para fábrica e não têm marca identificadora. Apesar de tudo, alguns há que merecem algumas linhas de atenção. Destacamos cinco pratos decorados ao nível da aba e mesmo do covo. Um tem uma decoração floral estampada. Num segundo, esta é mais ramificante, numa tentativa de preencher o vazio, numa coloração roxa. Os restantes não fogem a esta teia, porque preenchem a aba com ramiformes a azul sobre um fundo rosa, totalmente a verde ou, simplesmente, através de uma pintura floral bem conseguida. O último exemplo vem-nos de uma decoração totalmente a azul, representando motivos geométricos a azul sobre fundo branco.

Nas tigelas ou malgas há também alguns exemplos interessantes. Temos exemplares com a parede exterior preenchida por uma decoração policromada ou simplesmente a uma só cor, como é o caso de uma malga decorada com motivos florais a verde, mas também os há com inscrições impressas. Uma, incompleta e de letra minúscula – **ação** - está na aba de um prato. Uma segunda foi ainda pintada no covo de um prato. Também está incompleta, conservando-se somente as letras finais: **MOS**. Numa terceira tigela, na parede exterior de bom esmalte branco fosco, sobressai a letra maiúscula **H** em verde alface.

Nos exemplares cujas fábricas não identificamos, queremos referir ainda o caso daqueles que mostram paisagens estampadas, normalmente numa coloração acastanhada. Um deles, pelos motivos e sobretudo pelas cores utilizadas- amarelo, azul e verde – parece ser uma produção de Darque/Viana da Fervença (Gaia). Todavia, outras considerações são possíveis.

Para completar a exposição de fragmentos com semelhanças decorativas vamos apresentar, agora em conjunto, os que faltam- até porque são em número muito reduzido.

Quadrícula/ Camada	Forma	Fábrica com fabrico similar
B1-2	Prato	Fábrica das Aradas-Aveiro (1923-31)
A2- 2 <sup>a</sup>	Prato ou Terrina	Fábrica de Miragaia-Porto (1775-1852)
A2-2 a	Jarro	Fábrica das Caldas da Rainha (pós 1820...)
A2-3	Bule	Fábrica Lusitânia Lisboa (pós 1981)
A2-3	Jarra	Fabrico de Alcobaça (pós 1875)

Para além destes fragmentos, exumámos um de tampa com legenda em francês ( C3-2). Lê-se: (...) **RÈME CHRY... M POR**, provavelmente uma tampa de caixa de creme.

Os fragmentos com a marca da fábrica Aleluia - Aveiro apareceram na quadrícula D1-12 e outro na D1-5, com a marca da fábrica Pereira Valente- Gaia. A decoração, estampada num prato de cor rosa velho, mostra, no fundo exterior, parte da marca impressa a carimbo e na mesma cor. De toda a marca conseguem-se ler as seguintes palavras: **VALENTE** (dentro de um arco de querena) e **FÁBRICA**, na cercadura que envolve o centro onde pontifica uma estrela com a palavra **GAYA**. De acordo com o Dicionário de Marcas de Faiança e Porcelanas Portuguesas, esta marca será de um período que medeia entre 1900 e 1910 (Simas e Isidro, 1996,152).

Os fragmentos de azulejo têm quase todos a mesma decoração: uma moldura a azul sobre fundo branco. O número e a sua dimensão não nos permitiu a identificação com uma fábrica. Foram exumados da A4-1, B2-2, D1-3, D1-4b e D1-12. Não conseguimos, assim, uma associação às faianças, mas supomos que chegaram a Ponte de Lima juntamente com essa louça.

Relativamente às porcelanas pouco há a acrescentar, pois os fragmentos têm dimensões que não permitem grande identificação em termos decorativos. Com marca, identificámos três fragmentos: um prato de sobremesa decorado na aba com motivos florais a verde e com a marca **Porc Portugal** (Fig. 23, 2); o segundo é uma peça completa, a única, aliás, entre todo o espólio cerâmico desta intervenção. É um tinteiro com a marca **CE**, sobreposto e dentro de um losango na parede exterior. Por último, um fragmento de peça com brasão de família.

#### - Algumas ilações

Se alguma ilação podemos tirar de toda esta informação, ela não é com certeza imutável ou eterna. Mas, sem dúvida, podemos realçar e confirmar alguns aspectos que alguns investigadores já haviam estudado e outros questionado, alertando assim para a necessidade de uma discussão constante. Esperamos ter contribuído de alguma forma para o estudo da cerâmica em Portugal. Seja por exemplo no que respeita à Louça Preta, onde tentámos abordar a problemática em redor das origens desta louça. Como podemos observar, não definimos apenas um centro produtor para fornecer a área de Ponte de Lima, pois se a louça vermelha pode ser oriunda de Aveiro, porque não poderá também a louça de Ossela chegar até aqui? A variedade de origens é comprovada no estudo da Louça Não Vidrada, onde pastas, decorações e formas identificam e

comprovam um comércio inter-regional desta louça, desde pelo menos o século XV. Quanto à Louça com Vidrado de Chumbo, foi-nos mais difícil identificar as suas origens, mas mais uma vez não limitámos o seu fabrico a um só local, pois seria monopolizar o comércio de um tipo de louça que pensamos não ter tido um fabrico local. Relativamente às Faianças houve um cuidado diferente na sua apresentação, até porque a documentação, sendo diversa, também nos permitiu outra abordagem. Fizemos algumas comparações decorativas, tendo sempre o cuidado de alertar para a possibilidade de alguma identificação menos correcta. Tentámos associar as marcas dos nossos fragmentos com as já conhecidas e levantámos algumas questões sobre marcas e decorações, cronologias e origens de fabrico de determinadas peças que, pensamos nós, nos limita a continuidade em determinados centros oleiros como é o caso de Prado. Inibe-nos de identificar alguns dos nossos fragmentos com este centro de produção cerâmica e quem sabe se não terá também influenciado algum estudo anterior. Nós ousámos levantar a questão que, para já, deixamos em aberto. Quanto aos azulejos, a variedade, tal como a decoração são pobres, o que não nos ajuda a chegar muito longe. A Porcelana fez-se representar neste espólio por poucos fragmentos que nos despertaram alguma curiosidade. Em primeiro lugar, o tinteiro com marca, que para além de ser a única peça completa é também uma peça elegante e ainda muito viva na nossa memória. A outra é um fragmento sem decoração visível, com um brasão de família limiana.

#### 4 - ESPÓLIO METÁLICO

Este capítulo é bastante breve, pois só temos quatro peças metálicas, três das quais muito recentes. Desta forma optámos por não fazer grandes divisões, apresentando o material, identificando-o com a quadrícula e a camada de onde foi exumado. Analisemos então o **quadro I**.

Quadro I

Quadrícula/ Camada	Descrição
D1-3	Ferradura de ferro
D1-2	Chave
C1-2a	Moeda de 20 centavos, datada de 1925
B1-5	Moeda medieval- Ceitel

O ceitel vem relembrar a hipótese de por ali ter existido parte do pano de muralha, não comprovado pela escavação, mas justificável por uma possível destruição, uma vez que o terreno virgem se encontra em determinadas quadrículas, a menos de 30 cm da cota actual. Supomos assim que esse pano de muralha terá sofrido a “erosão” humana quando, ano após, ano se arroteava o quintal.

Os restantes materiais são notoriamente recentes, o que aliás está de acordo com as estruturas encontradas.

#### 5- ESTRUTURAS (FIG. 6)

Ao contrário do que esperávamos, não encontramos nenhuma estrutura que possa considerar-se como sendo parte da muralha que cercava a vila e muito menos da tão propalada porta de Braga, aberta na porta com o mesmo nome.

As estruturas encontradas resumem-se a 6 muros, se tivermos em linha de conta a presença do muro de suporte - **M6** - que sustentava as terras do patamar mais elevado e que se encontrava, ao contrário dos demais, com a face exterior totalmente a descoberto. Os restantes

muros tiveram funções distintas. O M1 e o M4 tiveram uma utilização em tudo semelhante à do M6, isto é, foram também muros de suporte, só que mais antigos. O M2 foi o antigo alinhamento da propriedade que faceava a rua anterior à actual e que ficou desativado com a abertura desta. O novo alinhamento da rua viria a torná-lo inoperante.

Os muros M3 e M5 articulam-se e são contemporâneos, razão porque os devemos considerar como que fazendo parte de uma estrutura que tinha, pelo menos, dois compartimentos de claros contornos agrários. A função de pelo menos um deles é explicada através de um volumoso peso de lagar e de um pavimento talhado e aplanado no solo grauvaque que constitui a base geológica do sítio.

#### **- M1**

O M1 é um muro que foi construído para servir de contenção de terras.

Em termos construtivos trata-se de uma estrutura de difícil análise, pelo simples facto de somente terem aparecido os alicerces. Apesar de tais condicionantes, não restam dúvidas que se trata de um muro feito com pedras reaproveitadas, praticamente desprovidas de argamassa, o que tornava a construção bastante vulnerável. Como muro de suporte que era, só tinha a face exterior, onde entrava também a pedra de melhor qualidade, alguma dela com bom aparelho (Fig. 15.1).

Cronologicamente é um muro de formação relativamente recente, muito provavelmente já do séc. XX, de uma época em que a propriedade sofreu um arranjo originado pelo realinhamento da rua e do espaço envolvente que obrigou ao abandono da ligação anterior. Como na carta topográfica de 1927 ainda se nota uma certa anarquia na ordenação deste espaço, estamos convictos que tais obras são posteriores àquela data.

A sua construção fez-se sobre uma camada de terra arável, a 14 - este aspecto está particularmente bem patente na estratigrafia do quadro C1 - sendo notória a sua sobreposição sobre o M3 da estrutura da adega, à altura já destruída.

#### **- M2**

Este muro foi construído para funcionar como limite de propriedade e ao mesmo tempo como definidor de um arruamento. Talvez que, por essa razão, só tenha uma face, aquela que estava voltada à dita rua. De qualquer modo é uma construção de quase dupla face, embora a interna se apresente sem alinhamento e cuidado estético, porque estava encoberta pela terra que lhe foi encostada.

Tecnicamente é um muro bem construído, sem recurso a reutilizações, mas usando, na face voltada à rua, pedra de boas dimensões, bem picada, com os interstícios tapados com pedra mais miúda, por vezes simples lascas.

Este muro estendia-se ao longo dos quadrados C1 e D1. A sua visibilidade ficou afectada com o derrube dos perfis, por força da infiltração da água da chuva. Em termos estratigráficos, pode-se dizer que no quadrado C1 encostam-lhe as camadas 13, 14 e 27, com cronologias posteriores ao séc. XVIII. No quadro D1, exteriormente ao muro, há as camadas 21, 22, 23, 24 e 25, com uma formação/deposição posterior à sua construção. Internamente, registam-se as camadas 14 e 22. Como as camadas que cobrem a crista do muro são, genericamente, a 8, a 13 e a 20, todas elas com uma formação relativamente recente, teremos então que concluir que a sua construção datará do séc. XIX, o que, aliás, até poderá explicar a relativa qualidade que foi posta na sua construção.



**- M3**

Este muro, ao articular-se com o nº 5, dá azo ao único compartimento que se encontrou em toda a área da escavação e mesmo assim incompleto, uma vez que não encontramos as outras duas paredes. Pertenceram a um edifício que funcionou como lagar. A comprovação está no solo grauaque que foi cortado (Fig.15.2) e preparado para “soalho” de um compartimento que funcionou como ou lagar e no peso de um “prelum” abandonado, pode-se dizer, *in situ* (Fig. 16.1).

Atravessa os quadrados B1, B2, B3, a vala 1 e chega à B4. No quadrado B1, este muro foi cortado pela vala 6, aquela onde assentam os fundamentos do M2.

De acordo com a estratigrafia esta construção terá sido feita num período posterior ao séc. XV, já que as cerâmicas patentes nas camadas inferiores são, sobretudo, louça preta e vermelha não vidrada, não contando com as produções com sinais de picotado no exterior. O seu funcionamento ocorrerá nos dois séculos seguintes, pois as camadas de destruição e de abandono datam do séc. XIX em todos os quadrados.

Em termos de construção, trata-se de um muro com cerca de 1 metro de largura, feito com pedra mal aparelhada e pouco consistente, onde se misturam lascas de granito com outras de grauaque. Como o miolo mostra pouco barro a fazer a ligação entre as pedras, o resultado foi uma obra pouco consistente, apesar da sua largura (Fig. 16.2). Como foi construído sobre uma funda vala cavada no solo natural, bem patente ao longo de diversos quadrados, tudo aponta para a existência- anterior- de uma outra construção naquele sítio.

**- M4**

Este muro está em perfeita consonância com o M1. Tal como aquele, assenta a única fiada de pedras na camada 14 e utiliza pedras reaproveitadas, daí que a sua cronologia seja semelhante. No tocante à sua funcionalidade, poderemos apontar algo de ligeiramente diferente. Devido à orientação norte-sul, mais que um muro de suporte, deverá ser interpretado como um muro de uma construção cujo alcance desconhecemos, devido à escassez de elementos registados.

**- M5**

Tal como o M3, também este foi construído com pedra irregular, mostrando raros sinais de pico e de preparação para assentamento. Tem a mesma largura e foi construído da mesma maneira.

As camadas arqueológicas que o cobrem são as mesmas do M3 – aqui é a 14 – e em termos de cronologia também esta em nada difere. A camada onde assenta o alicerce é a 35 e tem na camada 34 a sua cobertura.

**- M6**

Embora este muro não fizesse parte das estruturas soterradas neste espaço de escavação, não deixamos de o referir aqui, pelo simples de facto de ter sido construído com muita pedra extraída da muralha.

Seguindo uma velha tradição, que aliás aqui está bem patente nos M1 e 2, só tem face externa, bem tratada, na medida em que enquadra pedra reaproveitada. A parte interna quase não existe porque a terra encosta-lhe quase desde a crista.

**7- CONCLUSÕES**

A intervenção arqueológica realizada no quintal da casa que pertenceu a D. Santiago Garcia de Mendonza e posteriormente ao Dr. Nogueira de Brito, não revelou a presença da muralha que, desde a Idade Média, cercava integralmente a vila de Ponte de Lima e muito menos

mostrou haver indícios da Torre e Porta de Braga. Que a muralha, até ser desmontada, assentou naquele espaço, não há qualquer dúvida, pois ela corresponde ao acrescento que aquela casa ostenta na sua fachada nascente. Se não apareceram vestígios de pedras da muralha alinhadas ou mesmo do alicerce é porque toda a pedra foi extraída, incluindo a mais miúda, já que aquele local, no período posterior ao desmonte, virou terreno de cultivo onde havia vinhas, hortas e árvores de fruto. Foi para sustentar as terras surribadas, dispostas em patamares, que foram construídos diversos muros de suporte, alguns deles à custa da pedra da antiga muralha e mesmo da torre. Era, por exemplo, visível, na face externa do M6, o grande muro de suporte que separava a antiga área agrícola, do jardim propriamente dito.

Foram os trabalhos agrícolas os grandes responsáveis pela completa limpeza da pedra da muralha, mas também do alicerce cavado no saibro, que constitui a base geológica do sítio e da parte superior dos muros – M3 e M5 – que formavam parte do compartimento da adega (Fig. 16.1).

O alicerce desapareceu integralmente pela simples razão que, ao fazerem-se os dois socalcos ali existentes, o de cota inferior foi feito à custa da terra da parte mais alta. O surribamento, permitindo-se a deslocar a terra sobrance para a parte mais baixa, em contrapartida levou à eliminação do único vestígio que poderia ficar após a extracção total da pedra: a vala para assentamento do alicerce.

Não encontramos, é certo, notícia da muralha e da torre registadas no solo do quintal, mas não podemos ignorar que, sobretudo, esta última está, quase que integralmente, em espaço extra-quintal, em plena rua. Só uma posterior intervenção arqueológica naquele sítio, oportunamente, poderá trazer algumas novidades sobre este problema.

Não encontramos notícias da muralha e da torre, mas deparamos com restos de uma estrutura agrária que funcionou na parte exterior da muralha. Tanto quanto nos é dado saber, há documentação que faz referência a casas na parte exterior à muralha, junto às Portas de Braga. Não encontramos, é certo, sinais de casas de habitação no espaço sondado, mas deparamos com inúmeros fragmentos cerâmicos de uso diário e o que restava do compartimento de uma zona de serviços. Neste caso específico, a avaliar pelo poderoso peso em granito de um *prelum* (Fig. 16.1), não restam dúvidas que se trata de um lagar situado fora de muralhas, mas praticamente a elas encostado.

Situa-se este lagar e provavelmente a adega, claramente no exterior da cerca, mas bem adjacente à Porta de Braga. O que até nem admira, se tivermos presente que até aos terrenos do Olho Marinho e do Sanguinhal havia campos, cortinhas, hortas e vinhas. Basta recordar a inquirição que foi feita no início do séc. XV, para avaliarmos quão importante era o vinho na economia das gentes do Termo de Ponte de Lima. Muitas eram as casas que tinham adegas na Rua das Pereiras, justamente aquela que mais próximo estava da Porta de Braga, era a que dava acesso aos terrenos acima citados e servidos por derivações à antiga via romana, agora transformada em estrada real.

Tal como noutros pontos do perímetro da cerca medieval, também aqui, a partir do séc. XVI, as casas começaram a ocupar espaços fora do muro e à medida que aumentava a sua inoperância militar, estas foram-se colando a ela, como bem o demonstram as duas casas que se encostaram à Torre dos Grilos e ao muro, bem como todas as outras que nela se apoiaram, desde esta torre até à da Cadeia.

A última nota vai para o traçado da Via romana, a XIX do Itinerário de Antonino.

Sabemos que esta via fazia a sua aproximação à ponte que Octávio César Augusto mandou

construir sobre o Rio Lima, através de um traçado que cortava os campos do Sanguinhal e Olho Marinho. A sua entrada, naquele que viria a ser o futuro perímetro histórico da vila de Ponte de Lima, fazia-se, precisamente, pela Porta de Braga. Nada encontramos que possa ser relacionado com tal passagem, mas a sua ausência não implica a negação de um tal traçado, tanto mais que não escavamos na rua onde estará a quase totalidade da torre. Finalmente, convirá não esquecer que estamos a falar de uma estrada e esta, ao longo de séculos, nem sempre terá deixado vestígios susceptíveis de serem encontrados.

## **8- CATÁLOGO DE CERÂMICA**

### **Louça Vermelha (Ovar)**

- Tigela. Pé interno vazado. Pasta de coloração vermelha alaranjada, depurada, fractura regular e escassos sinais de mica. Superfície com sinais de engobe de tonalidade vermelha. PECPL98B3,5. Inv.2. Diâm. 190mm. Fig. 8. 3.

- Tigela. Pasta vermelha alaranjada, depurada, fractura regular com alguns grãos de areia. Superfícies cobertas de engobe de tonalidade vermelha, descolorida ao nível do bordo exterior. PECPL98B1,4. Inv. 37. Diâm.180mm. Fig. 8.2.

- Cântaro(?) Pasta vermelha, cuidada, com finas partículas de mica. Superfície exterior com engobe vermelho carregado. PECPL98B1,5. Inv. 1. Diâm. 110mm. Fig. 14.3.

### **Louça vermelha e afim não vidrada (Prado)**

- Tigela. Pé com ligeiro vazamento interno. Pasta com cerne cinza claro e superfícies com tonalidade beije alaranjado. A pasta é depurada, com fractura regular e bem cozida. Superfície alisada e a interior com linhas brunidas verticais. PECPL98B1,4. Inv. 17. Diâm. 140mm. Fig. 8.5.

-Tigela. Pasta com cerne cinza e superfícies de tonalidade alaranjada. A pasta apresenta-se depurada, com fractura regular e bem cozida. Superfície alisada, queimada pela fuligem e exteriormente decorada, ao nível exterior do bordo com uma série de linhas levemente incisadas. PECPL98B1,4. Inv. 33. Diâm. 140mm. Fig. 8.1.

- Tigela. Pasta depurada, boa cozedura e fractura regular. Cerne de coloração cinza e superfícies de tonalidade beije acastanhadas. PECPL98B1,6. Inv. 19. Diâm. 220mm. Fig. 8.7.

- Caçoila. Parede arqueada com sinal de asa. Pasta vermelha, fractura irregular, com muitos grãos finos de mica. Superfície exterior alisada e queimada pela acção da fuligem. PECPL98B1, 4. Inv. 43. Diâm. 150mm. Fig. 8.4.

- Caçoila(?). Pasta de cerne cinza, depurada e com fractura regular. Superfícies beije acastanhado, alisadas e escurecida a exterior. PECPL98B3, L P.Inv.1. Diâm.210mm. Fig. 14.1.

- Boião (?). Parede com tendência piriforme e sinal de asa. Remate em colo estreito. Pasta vermelha, depurada, fractura regular. Superfície exterior alisada e enegrecida pelo uso. PECPL98, C1,5. Inv. 2. Diâm.30mm. Fig. 8. 6.

- Cântaro. Pasta muito depurada, fractura regular, boa cozedura. Cerne de tonalidade cinza e superfícies de tonalidade beije acastanhada. PECPL98B1,4. Inv. 65. Diâm. 185mm. Fig. 7.3.

- Alguidar. Pasta muito depurada, fractura regular, boa cozedura. Cerne de tonalidade cinza e superfícies de tonalidade beije acastanhada. PECPL98B1,4. Inv. 66. Diâm. 330mm. Fig. 7.1.

- Cântaro(?). Pasta de cerne cinzento e superfícies vermelho alaranjadas. Pasta compacta, homogénea, finas partículas de mica. Superfícies alisadas a fazer sobressair a mica. PECPL98B1,5. Inv. 36. Diâm. 110mm. Fig. 14.3.

- Cântaro. Fragmento de fundo com a parede brunida em linhas oblíquas, paralelas, mas de tamanho desigual. Pasta de cerne cinzento, bem cozida, pouco homogénea e bastantes partícu-

las de mica. Superfícies alaranjadas, alisadas e brunida a exterior. PECPL98B4,3. Inv. 20. Diâm. 100mm. Fig. 14.4.

- Prato. Pasta constituída por duas camadas distintas: cinza a interior, alaranjada a exterior. O desengordurante é à base de biotite e mica. Superfície exterior alisada e a interior com sinais de espatulamento vertical. Marcas de fuligem. PECPL98B1,6. Inv. 32. Diâm. 100mm. Fig. 14.5.

#### **Cerâmica decorada a moscovite**

- Cantarinha (?). Pasta vermelha, pouco depurada com grãos de areia de médio calibre e bastantes palhetas de mica. Superfície exterior decorada com losangos inseridos em bandas largas picotadas cobertas de moscovite. PECPL98C3, 4. Inv. 230. Diâm.160mm. Fig. 7. 2.

#### **Louça preta (Prado)**

- Forma indeterminada. Pasta cinza com grãos de biotite, boa cozedura e fractura regular. Superfície cinzenta, levemente estriada, escurecida pelo uso. PECPL98B1,6. Inv. 25. Diâm. 120mm. Fig. 7.4.

- Panela. Pasta castanha escura no cerne, porosa, com elementos ferruginosos. Acabamento alisado, com manchas castanhas no interior provenientes da cozedura. PRCPL98C3,3. Inv. 32. Diâm. 260mm. Fig. 11.4.

- Panela. Pasta castanha escura no cerne, porosa, com elementos ferruginosos. Acabamento alisado, com manchas castanhas no interior provenientes da cozedura. PRCPL98C5,5. Inv.32. Diâm. 260mm. Fig. 11.3.

- Panela. Pasta cinza no cerne, porosa, com muitos grãos de areia, bem cozida. Superfície alisada mas rugosa. PRCPL98D1,3. Inv.23. Diâm. 160mm. Fig. 11.6.

- Panela. Pasta castanha escura no cerne, porosa, com elementos ferruginosos. Acabamento alisado, com tonalidade não uniforme no interior devido à cozedura. PRCPL98B4,3. Inv.43. Diâm. 230mm. Fig. 11.5.

- Testo. Remate com pega em forma de bolacha. Pasta castanha escura no cerne, porosa, com elementos ferruginosos. Acabamento alisado, rugoso e enegrecido pelo uso. PRCPL98D5,5. Inv. 41. Diâm. 34mm. Fig. 11.2.

- Panela. Fragmento de fundo côncavo. Pasta castanha no cerne. Acabamento alisado. PRCPL98C1,5. Inv.4. Diâm. 70mm. Fig. 11.1.

- Testo. Pasta cinzenta, pouco depurada. Superfícies escuras e enegrecidas pelo uso culinário. PECPL98B2,5. Inv. 8. Diâm. 150mm. Fig. 7.5.

#### **Faiança**

- Tigela. Pasta beije, depurada, fractura irregular. Esmalte espesso e regular em tom de branco. PECPL98B1,3. Inv. 3. Diâm.60mm. Fig.9. 5.

- Prato. Pasta beije, depurada, fractura irregular. Esmalte espesso e aderente na superfície exterior e menos internamente. PECPL98C3,4. Inv. 229. Diâm. 150mm. Fig. 9.4.

- Tigela. Pasta branca, depurada e homogénea, fractura regular. Esmalte branco sujo, com decoração estampada a verde escuro, formada por uma larga banda ao nível do bordo e por uma sucessão de linhas em igual tonalidade. PECPL98A2, 3. Inv. 2. Diâm. 130mm. Fig. 9.2.

- Testo de bule. Remate em botão. Pasta beije, depurada, fractura irregular. Decoração sobre esmalte branco de tonalidades castanho, verde escuro e vermelho rosa. O castanho tingem dois filetes circulares que envolvem a parte superior e inferior do botão. Na aba distinguem-se duas bandas: uma ondulada a verde escuro e a outra a vermelho rosa. PECPL98E3, 2. Inv. 23 e 33. Diâm. 65mm. Fig. 9.3.

- Prato. Pasta rosa, depurada, fractura irregular. Esmalte beije de má qualidade, pouco espesso e aderente. Decoração interna constituída por uma sucessão de linhas azuis que alternam com outra, na aba, sinuosa, a vinoso. Proveniência: Fábrica Brioso (Coimbra). PECPL98,B3, 2. Inv. 25 e 26. Diâm. 192mm. Fig. 9.6.

- Tigela. Pasta beije, fractura irregular. Esmalte espesso e aderente. Pintura exterior estampada, com pétalas de dimensões diferentes. A maior tem as pétalas em tons de azul que alternam com o amarelo. As de menor dimensão são totalmente cobertas a verde alface. PECPL98C3,3. Inv.69. Diâm. 75mm. Fig. 10.1.

- Tigela. Pasta beije, depurada, fractura regular. Esmalte aderente, bastante maltratado na superfície exterior. A decoração cobre o fundo interior da pela e a parte superior da superfície externa. Os motivos, devido à fragmentação, não são claros. As cores, em vários tons de azul, foram aplicadas pela técnica de aerografagem. PECPL98A4,1. Inv.? Diâm. 70mm. Fig. 10. 2.

- Tigela. Pasta beije sujo, fractura irregular. Esmalte aderente, mas pouco espesso. PECPL98B1,3. Inv.6. Diâm. 130mm. Fig. 10.3.

- Covilhete. Forma quase completa, pasta beije e esmalte branco. Não possui qualquer decoração, embora tenha pintada a azul uma palavra da qual só são visíveis as últimas três letras: MOS. Assemelha-se às pinturas feitas em louça conventual, hospitalar e nas de farmácia. Não possui, no entanto, qualquer selo. PECPL98D5,5. Inv. 66.

- Fragmento de bojo, com pasta e esmalte exterior beije e interior branco. Na superfície exterior, a que não tem esmalte, está carimbada(?) a letra H a verde claro. Mais uma vez desconhece-se a sua origem e qual a sua inscrição. PECPL98A2, 3. Inv.39.

- Prato. Pasta beije claro e esmalte branco. É decorado com uma linha concêntrica pintada a azul na extremidade da aba, à qual se segue o final de uma palavra, também ela pintada a azul, com as seguintes letras: **ação**. Poder-se-á incluir no conjunto de louça hospitalar ou conventual. PECPL98C3, 3. Inv. 60.

- Fundo de bule ou jarra, oriunda da fábrica de Sacavém. O selo no exterior aponta para um fabrico entre 1902/1918 ou 1921/1970. Foi impresso a traço verde o já vulgar selo circular com a legenda GILMAN & C.TA, com a palavra PORTUGAL em baixo. O esmalte beije acastanhado apresenta um filete dourado em redor do pé, no exterior. PECPL98B3, 2a. Inv. 7.

- Fundo de malga (?). Pasta beije e esmalte branco. Não é visível qualquer elemento decorativo, embora possua no exterior o selo da fábrica de Sacavém- GILMAN & C.TA, com a palavra SACAVÉM no centro e PORTUGAL em baixo, tendo ainda o número 711 por cima. Mais uma vez a impressão foi feita a traço verde. PECPL98A2, 3. Inv.8.

- Fundo de malga (?). É fabrico oriundo de Sacavém, possuindo pasta branca e esmalte rosa escuro. O selo da fábrica de Sacavém- GILMAN & C.TA, com a palavra SACAVÉM no centro e PORTUGAL em baixo, foi impresso a traço verde. Não é visível qualquer elemento decorativo. PECPL98D1, 3. Inv.14.

- Fundo de malga(?). Pasta beije e esmalte branco. Possui restos do círculo do selo da fábrica de Sacavém, impresso a traço verde. Data-se o fabrico deste fragmento de 1918, época em que o selo da fábrica não traz a palavra Portugal por baixo. PECPL98A4, 1.Inv. 21.

- Fragmento de asa de secção sub-circular com um rebite ao centro. Assemelha-se à de um bule representado na “Mostra de Faiança Portuguesa”, datado entre 1873 e 1878. É decorada ao centro com uma banda vertical, demonstrando um motivo floral impresso a azul sobre fundo branco. Desconhece-se, no entanto, a sua verdadeira origem. PECPL98A4, 1.Inv. 13.

- Fragmento de tampa de uma caixa de creme decorada no encaixe lateral e no topo. Aqui lê-

se, provavelmente em francês, as últimas quatro letras da palavra creme e o início do que seria o nome da marca: **. RÈME CHRY...** envolvida por uma cercadura de arcos, também ela impressa a preto. No encaixe lateral são visíveis a última letra de uma palavra e outra completa, com uma linha por cima e outra por baixo, tudo impresso a preto sobre fundo creme. O que se lê é: **...M POR**. PECPL98C3,3.Inv. 27.

- Prato. Pasta e esmalte branco. Tem no exterior o selo da fábrica Pereira Valente- Gaia (1884-1969), impresso a traço rosa sobre fundo branco. No interior é decorado no fundo. Possui arranque de aba com motivos florais, impressos a rosa. PECPL98D1,5.Inv. 15.

- Prato. Fabrico oriundo de Sacavém mas cujo motivo vem descrito num catálogo da fábrica de Massarelos - Porto da seguinte forma: “nº77- Peça moldada. Forma circular, de covo pouco acentuado e aba estreita. Decoração por técnica de impressão, a azul sobre fundo branco. No centro, paisagem de influência oriental (...). A cena é envolvida por uma faixa de motivos reticulados e em losango alternados; na aba, cercadura de motivos reticulados rematada, por motivos vegetais, gregas, círculos e volutas.” PECPL98C3,3.Inv. 26, 13, 62, 15, 17.

No entanto, aqui, um dos fragmentos deste conjunto possui um selo em baixo relevo onde se lê: SACAVÉM, com o número 2 por baixo e por cima uma coroa, associando-se assim à “atribuição do título de Barão Howorth de Sacavém” em 16 de Julho de 1886. Prova-se mais uma vez a repetição de temas nas diferentes fábricas.

- Covilhete (?). Louça tipo Brioso - Coimbra. A pasta e o esmalte têm uma coloração beije rosado. É decorado no interior com duas linhas concêntricas, pintadas a vinoso, no fundo. Data-se o seu fabrico na 1ª metade do século XVIII. PECPL98D5,3.Inv. 64.

- Covilhete (?). Louça tipo Brioso - Coimbra. A pasta e o esmalte têm uma coloração beije rosado. A decoração continua a limitar-se a duas linhas concêntricas em redor do fundo, pintadas a azul sobre fundo beije rosado. PECPL98B3,5.Inv. 25.

- Prato(?). Louça tipo Brioso - Coimbra. A pasta e o esmalte são beije rosado. É decorado no interior com duas linhas concêntricas na extremidade, pintadas a azul, seguidas de uma linha ondulada pintada a vinoso, seguida de outra linha azul. PECPL98B4,3.Inv. 18.

- Forma indeterminada, cuja decoração determina a origem em Coimbra, mais uma vez em Brioso, 1ª metade do século XVIII. Assemelha-se à decoração de uma aba, pois apresenta duas linhas concêntricas a azul, seguidas de um conjunto de linhas onduladas sobrepostas, pintadas a vinoso, as quais são rematadas com outra linha pintada a azul. PECPL98B1,3.Inv. 21.

- Prato. A decoração enquadra-se nos conhecidos “Aranhões”. A pasta e o esmalte são rosa beije. É decorado na extremidade com duas linhas concêntricas às quais se sobrepõem motivos tipo *aranhas* pintados a azul e a vinoso. PECPL98D5, 5.Inv. 67.

- Prato de pasta e vidrado beije. A decoração, no interior, apresenta motivos vegetais impressos a traço castanho sobre fundo beije. PECPL98A6,2. Inv.16.

- Bojo de jarra(?) com decoração exterior do tipo Viana do Castelo. Por baixo de duas linhas, uma azul e outra amarela, são visíveis motivos florais pintados a azul e rosa, sobre fundo beije. PECPL98A4, 1. Inv. 11.

- Fundo de travessa(?), com pasta beije e esmalte branco. É decorado no interior com um motivo paisagístico, pintado a azul sobre fundo branco. PECPL98A4, 1. Inv. 7.

- Prato covo. Pasta e esmalte beije. É decorado no interior com duas linhas concêntricas pintadas a rosa escuro, no fundo. A aba é preenchida a rosa claro e rematada com uma linha concêntrica rosa escuro. Tem ainda, sobre o fundo rosa claro, um conjunto de ramos em espiral pintados a azul. Por não possuir qualquer selo, não lhe atribuímos uma origem. PECPL98D1, 12. Inv. 79.

- Prato decorado na aba, com motivos geométricos a azul sobre fundo branco. Por ser um fragmento de reduzidas dimensões não conseguimos determinar a sua origem. PECPL98A2, 2a. Inv. 15.
- Prato totalmente decorado no interior, com motivos vegetais impressos a traço roxo sobre fundo branco. Por ser um fragmento de reduzidas dimensões não conseguimos determinar a sua origem. PECPLA2, 4. Inv. 3.
- Prato com pasta e esmalte beije. É decorada no interior com uma linha concêntrica na extremidade e motivos vegetais pintados a verde *alface*, sobre fundo beije. Por ser um fragmento de reduzidas dimensões não conseguimos determinar a sua origem. PECPL98B2, 3. Inv. 35.
- Prato com aba e arranque de covô, decorado no interior com motivos vegetais, impressos a verde sobre fundo beije. Desconhece-se a sua origem. PECPL98B1, 3. Inv. 7.
- Prato decorado no interior com um ramo de flores a vermelho, verde *alface* e roxo, na aba e um filete vermelho no lábio. Decoração pela técnica de impressão. PECPL98B3, 3: Inv. 4; B3, 3. Inv. 3.
- Fragmento de bojo de malga, decorado no exterior com um motivo vegetal a verde escuro, sobre fundo beije. Desconhece-se a sua origem de fabrico. PECPL98B1, 3. Inv. 12.
- Bordo de caneca(?) com decoração exterior impressa a traço castanho sobre fundo branco. O motivo reporta-se a uma paisagem. PECPL98B2,2. Inv. 48.
- Bordo de caneca/malga decorado no exterior com motivos florais, que foram pintados a rosa e verde. PECPL98A2, 3a. Inv. 41.
- Bordo de malga com decoração vegetal exterior. Os motivos foram pintados a rosa e verde. PECPL98B3, 3. Inv. 57.
- Fragmento de azulejo de pasta e esmalte interior branco, decorado com uma moldura a azul que forma um meandro nos cantos. PECPL98D1, 3. Inv. 3.

#### **Porcelana**

- Prato. Porcelana. Pasta branca com fractura regular. Decoração vegetal estampada no fundo. Na aba a decoração é formada por dois filetes em tom rosa. Proveniência: Fábrica de Sacavém (?) PECPL98A2,2a. Inv. 8. Diâm. 240mm. Fig. 9.1.
- Pires. Decorado na aba e fundo interior, com motivos florais impressos a traço verde. No exterior é visível o selo PORC PORTUGAL- Porcelanas de Portugal, estando a palavra Portugal por baixo da abreviatura de Porcelanas. Impressão a traço verde. PECPL98A2, 5: Inv.3.

#### **Vidrado de chumbo**

- Tigela. Pasta rósea, compacta, homogénea, fractura irregular. Vidrado de coloração verde, mesclado de castanho alaranjado sobre o bordo interno e externo e com a mesma tonalidade na superfície interna e na parte superior da sobarba. A restante parte da superfície exterior foi alisada e está enegrecida pelo uso e fuligem. PECPL98B3,4. Inv. 3. Diâm. 170mm. Fig. 10.6.
- Tigela. Pasta beije rosa, grãos de argila e partículas de mica. Interior coberto com esmalte, espesso, aderente, brilhante, coloração melada, mosqueada de pontos castanhos e manchas esverdeadas. Superfície exterior alisada e manchada de fuligem. PECPL98C3,3. Inv. 131. Diâm. 54mm. Fig. 13.2.
- Tigela. Pasta beije rosa, depurada, finas partículas de mica. Peça coberta, no fundo com um engobe de coloração castanho-avermelhado de má qualidade e de meio da parede para o bordo, com um esmalte castanho mosqueado de amarelado, que escorreu em mancha até ao fundo. Superfície exterior alisada, com pingos de esmalte e largas manchas de fuligem. PECPL98B4,3. Inv. 42. Diâm. 50mm. Fig. 13.5.

- Tigela. Pasta beije rosa, com muitas finas partículas de mica, biotite e nódulos de argila. Esmalte interior castanho melado, espesso e brilhante mas pouco aderente. Superfície exterior alisada, coberta com um engobe róseo manchado com pingos de esmalte verde mosqueado. PECPL98B2,6. Inv. 2. Diâm. 56mm. Fig. 13.4.

- Sertã. Pasta acastanhada, grosseira devido aos muitos grãos de mica e nódulos de argila. Boa cozedura, mas fractura irregular. Vidrado de coloração castanho melado a cobrir o interior. A superfície exterior foi alisada e está muito queimada pelo uso e fuligem. PECPL98D1,2. Inv. 8. Diâm. Indet. Fig. 10.5.

- Alguidar. Pasta rosa, compacta, finos grãos de mica e nódulos de argila. Superfície interna e bordo exterior coberto com vidrado castanho alaranjado. A superfície exterior mostra-se alisada. PECPL98D1,12. Inv. 44. Diâm. Indet. Fig. 10.4.

- Alguidar. Pasta rosa beije, depurada, com finos grãos de mica e partículas de argila. Esmalte esverdeado mosqueado de pintas castanhas, pouco espesso e bastante deteriorado. PECPL98C1. Inv. 7. Diâm. 320mm. Fig. 12.1.

- Alguidar. Pasta beije, grosseira, bastantes grãos de areia de médio calibre. Esmalte castanho alaranjado de má qualidade, muito deteriorado, aplicado sobre um engobe vermelho alaranjado. PECPL98C3. Inv. 32. Diâm. Indet. Fig. 12.6.

- Alguidar. Pasta rosa beije, depurada, finos grãos de mica e algumas areias de grande calibre. Esmalte melado, espesso, aderente e brilhante. PECPL98B?. Inv. ? Diâm. 126mm. Fig. 12.5.

- Caçoila. Pasta alaranjada, pouco homogénea e muito desengordurante à base de partículas de argila e de mica. Esmalte castanho esverdeado, aderente, espesso e brilhante. Cobre parcialmente o exterior do bordo. Superfície exterior queimada pelo fogo. PECPL98C3,3. Inv. 148. Diâm. 240mm. Fig. 12.2.

- Prato. Pasta rosa, homogénea, com bastantes nódulos de argila e finos grãos de mica. Esmalte verde claro, espesso, aderente e brilhante. PECPL98C5,5. Inv. 94. Diâm. Indet. Fig. 12.4.

- Prato. Pasta rosa, fina, compacta e finas partículas de mica. Esmalte interior castanho melado, espesso, aderente e brilhante. Superfície exterior alisada, com engobe acastanhado no fundo raso. PECPL98B2,5. Inv. 12. Diâm. 130mm. Fig. 13.3.

- Prato. Pasta fina e compacta, estriada, entremeada de castanho e beije, tipo bolo marmoreado. Esmalte de tipo marmoreado em tons de verde escuro e alface. Apresenta-se espesso, aderente e brilhante. Proveniência: Caldas da Rainha (?) PECPL98A2,2a. Inv. 30. Diâm. Indet. Fig. 12.3.

- Cântaro (?). Pasta fina e compacta, estriada, entremeada de castanho e beije, tipo bolo marmoreado. Esmalte de tipo marmoreado em tons de verde escuro e alface. Apresenta-se espesso, aderente e brilhante. Proveniência: Caldas da Rainha (?) PECPL98A2, 2a. Inv. 24. Diâm. Indet. Fig. 13.1.

#### **Esmalte estanífero**

- Tigela. Pasta beije rosa, pouco homogénea, com finos grãos de argila e mica. Esmalte interior de coloração mate, espesso, pouco aderente. Superfície exterior alisada, com manchas de esmalte castanho amarelado no pé e muita fuligem a cobrir o restante espaço. PECPL98B1,4. Inv. 72. Diâm. 60mm.



## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de – *A Rede Viária do Conventus Bracaraugustanus, Via Bracara Asturicam Quarta*, Minia, 2ª série, Ano II (3), Braga, 1979.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de – *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*, ER,7/8, Viana do Castelo, 1990.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de – *Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho*, Vol. VII, (tese doutoramento), dactilografada, FLUP, 1996.
- ALVES, Francisco J. S. et alii - *A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV, Ria de Aveiro A e da zona Ria de Aveiro B. Aproximação tipológica preliminar*, Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, métodos e resultados para o seu estudo, Tondela, 1995.
- AMORIM, Inês - *A Olaria de Aveiro no séc. XVIII: continuidade e desenvolvimento*, Revista de Olaria 2, Barcelos, 1998.
- ANDRADE, Amélia Aguiar - *Um espaço urbano medieval: Ponte de Lima*, Livros Horizonte, Lisboa, 1990.
- ARAÚJO, José Rosa de - *Caminhos Velhos e Pontes de Viana e Ponte de Lima*, Viana do Castelo, 1962.
- ARAÚJO, António de Sousa- *As Louças de Prado: Notas para a história da louça preta*. In Revista Olaria 2. Barcelos, 1998.
- ASSUNÇÃO, Ana Paula - *Fábrica de Louça de Sacavém. Contribuição para o estudo da indústria cerâmica em Portugal, 1856-197*, Edições INAPA, Porto, 1997.
- BALDAQUE, Mónica et alii- *Fábrica de Massarelos, Porto. 1763-1936* - Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto, 1998.
- BARREIRA, Paula, DORDIO, Paulo e TEIXEIRA, Ricardo - *200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII*, in Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, métodos e resultados para o seu estudo, Tondela, 22 a 25 de Março de 1995.
- BARROCA, Mário Jorge - *Centros Oleiros do Entre- Douro- e- Minho*, “ Arqueologia Medieval”, 2, 1993.
- BARROCA, Mário Jorge - *Epigrafia Medieval Portuguesa*, FCG/FCT, Lisboa, 1999.
- FERNANDES, Isabel Maria - *Centros Produtores de Louça Preta da Região Norte*, Revista de Olaria1, Barcelos, 1996.
- FERNANDES, Isabel Maria - *A Louça Preta de Prado, Vila Verde, Braga. Catálogo*, Barcelos, Coleções do Museu, 3, 1997.
- LEMO, Miguel Roque Reys – *Anais Municipais de Ponte de Lima*, Ponte de Lima, 1936.
- MACEDO, Manuel Martinho e FREITAS, Maria da Graça - *O Cântaro Minhoto*, Fichas de Olaria, Barcelos, Museu de Olaria. 1996.
- NOITES, Angelina Maria Soares et alii- *Mostra de Faiança Portuguesa*, Museu de Arte Sacra de Arouca, Arouca,1998.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de - *Cervães. Nomeação de um juiz do ofício de louça branca. 1775*, Revista de Olaria, 2, 1998.
- PEIXOTO, Rocha- *Uma ornamentação cerâmica actual de carácter arcaico*, Portugália, Porto, vol.2, 1908.
- PEIXOTO, Rocha - *As Olarias do Prado*. Barcelos, Museu Regional de Cerâmica, 1966.
- PEREIRA, João Castel-Branco et alii - *Os Ratinhos- Faiança Popular de Coimbra*, Museu Nacional do Azulejo, Lisboa,1998.
- SANDÃO, Arthur de- *Faiança Portuguesa, séculos XVIII- XIX*, Livraria Civilização, Porto,1988.

---

PORTUGALIA

SILVA, António Manuel S. P.- *Cerâmica Tradicional na Região de Aveiro, Alguns Elementos Documentais*, Revista Olaria 1, Barcelos, 1996.

STAPF, Sven - *Faiança Portuguesa. Faiança de Estremoz*, 1997.

AMPL-LV – Arquivo Municipal de Ponte de Lima – Livro de Vereações



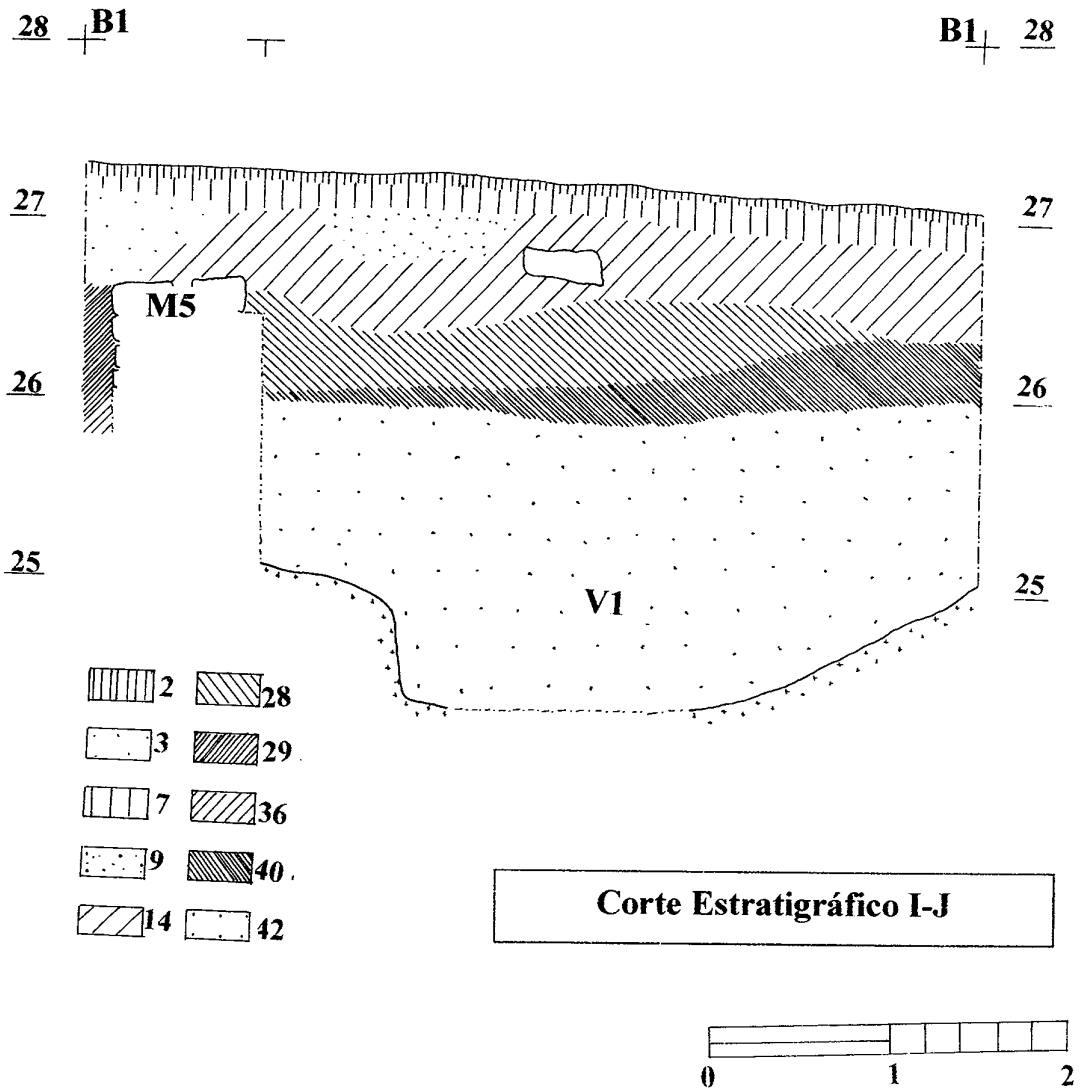


Fig. 2 - Corte estratigráfico que abarca o quadrado B1.

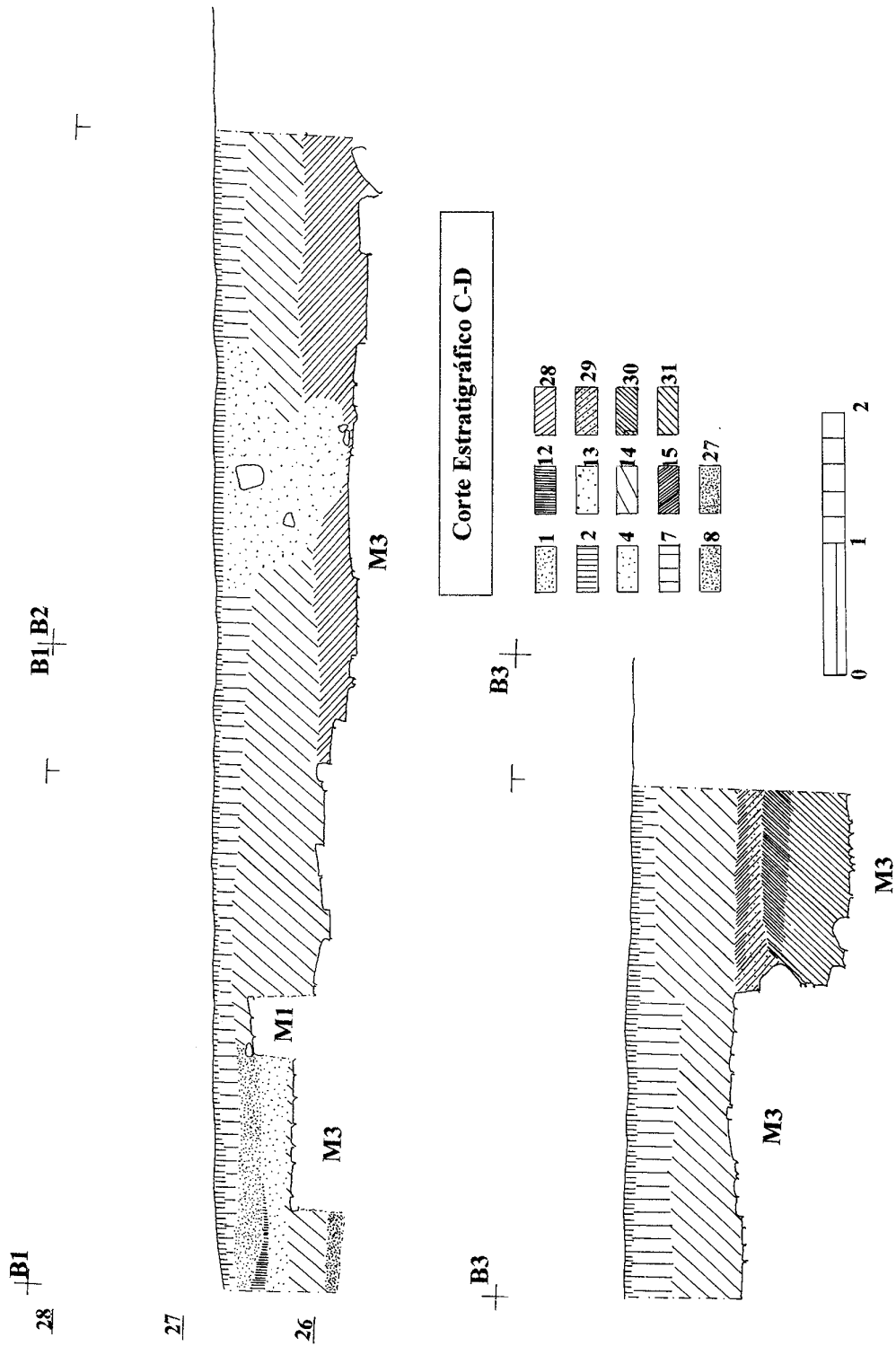
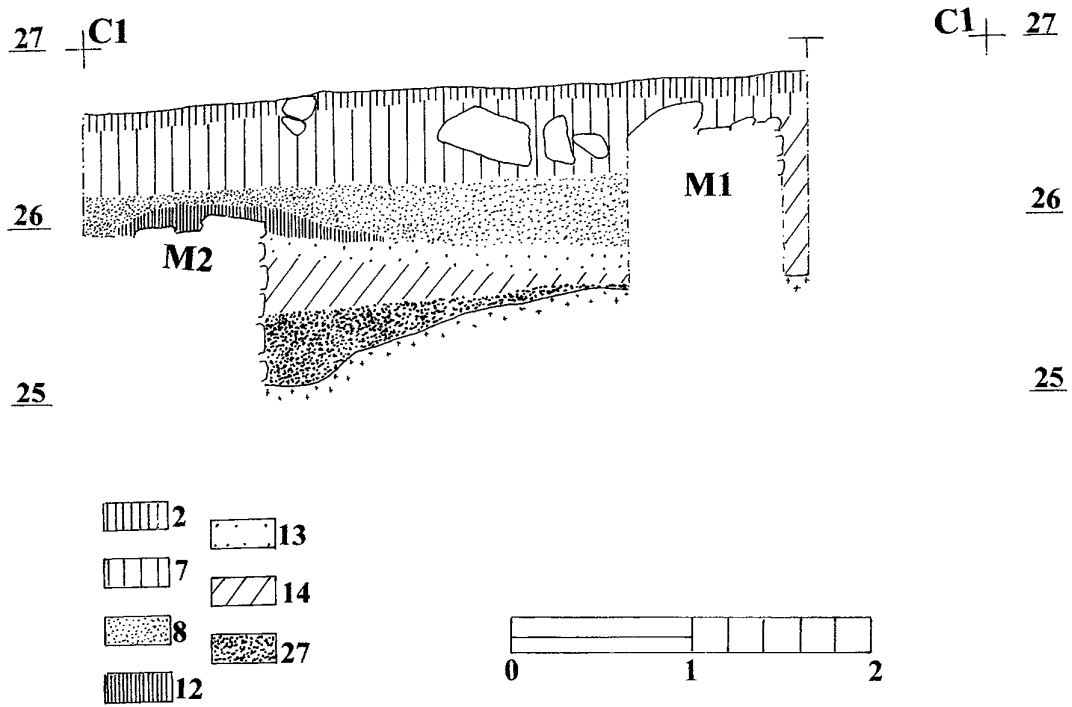


Fig. 3 - Cortes estratigráficos dos quadros B1 e B2.



**Corte Estratigráfico G-H**

Fig. 4 - Corte estratigráfico do quadrado C1.

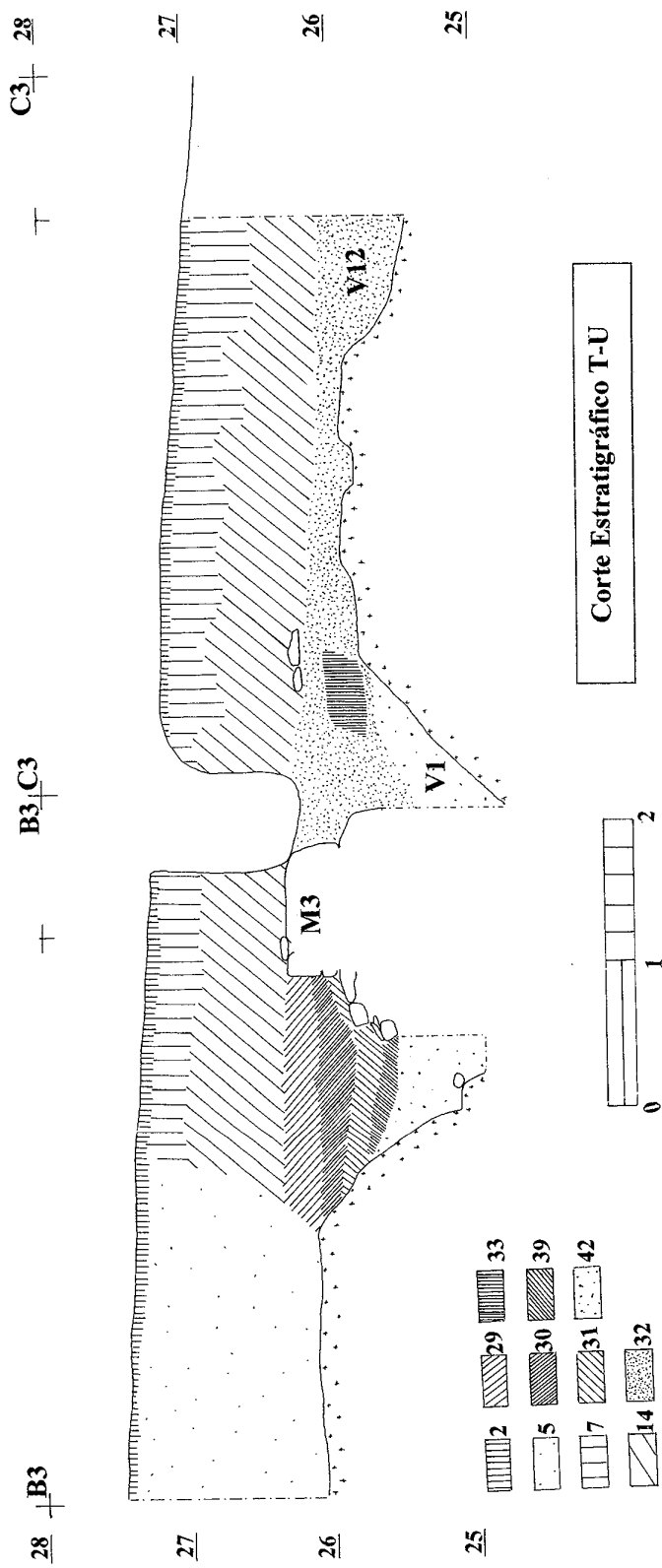


Fig. 5 - Cortes estratigráficos que abarca os quadrados B3 e C3.

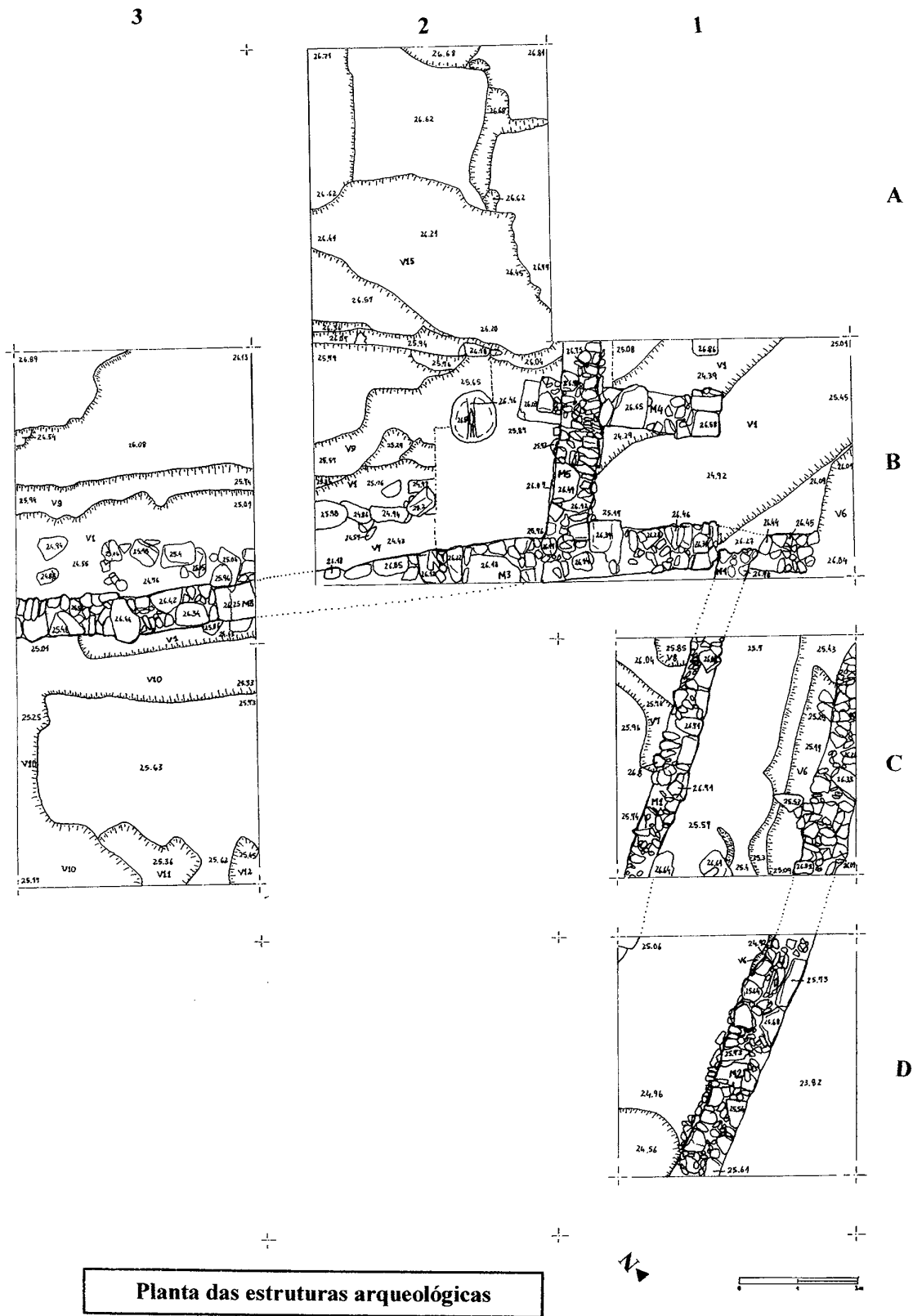


Fig. 6 - Planta geral das estruturas descobertas.



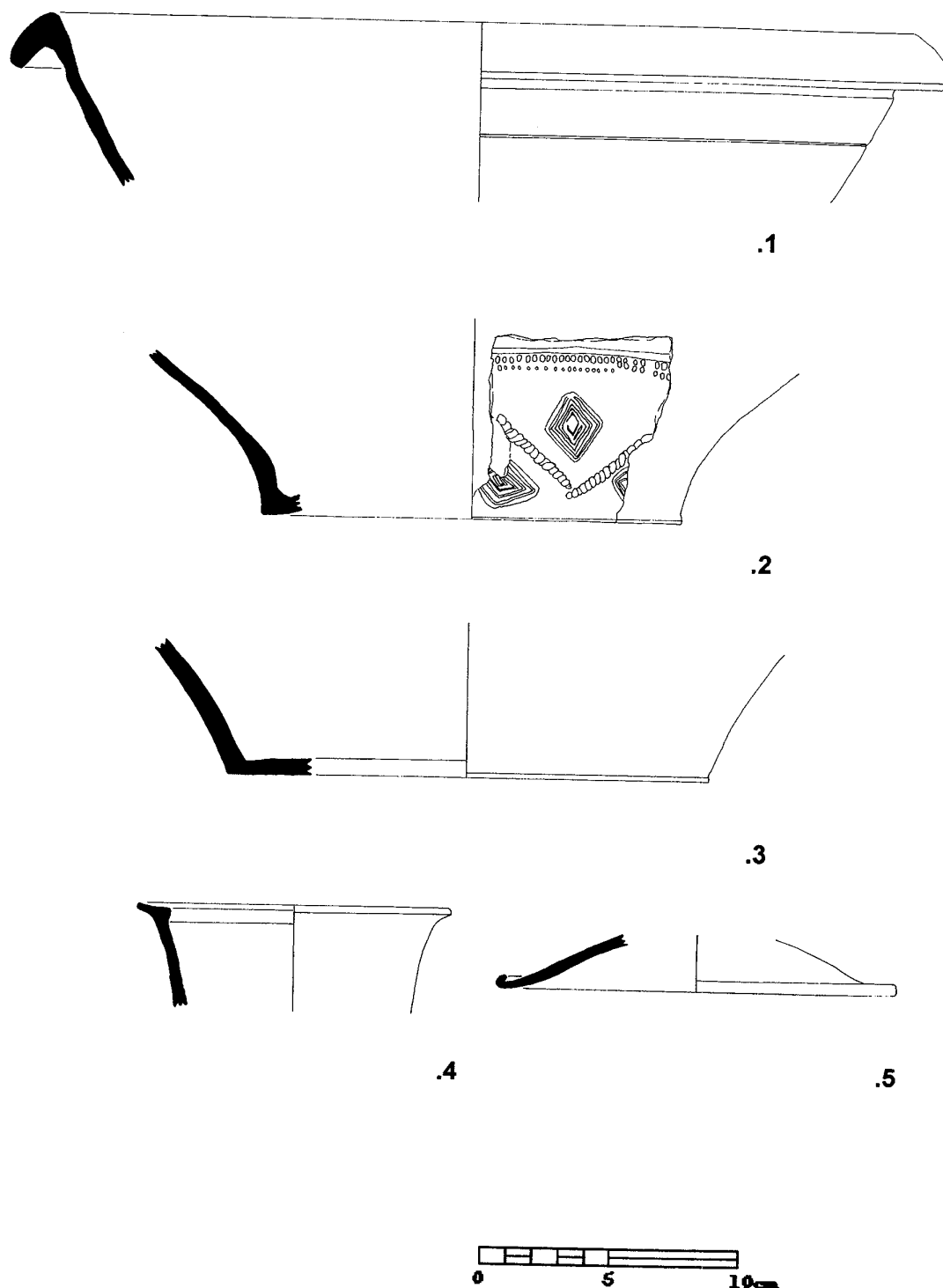


Fig. 7 - Cerâmica Vermelha não vidrada.

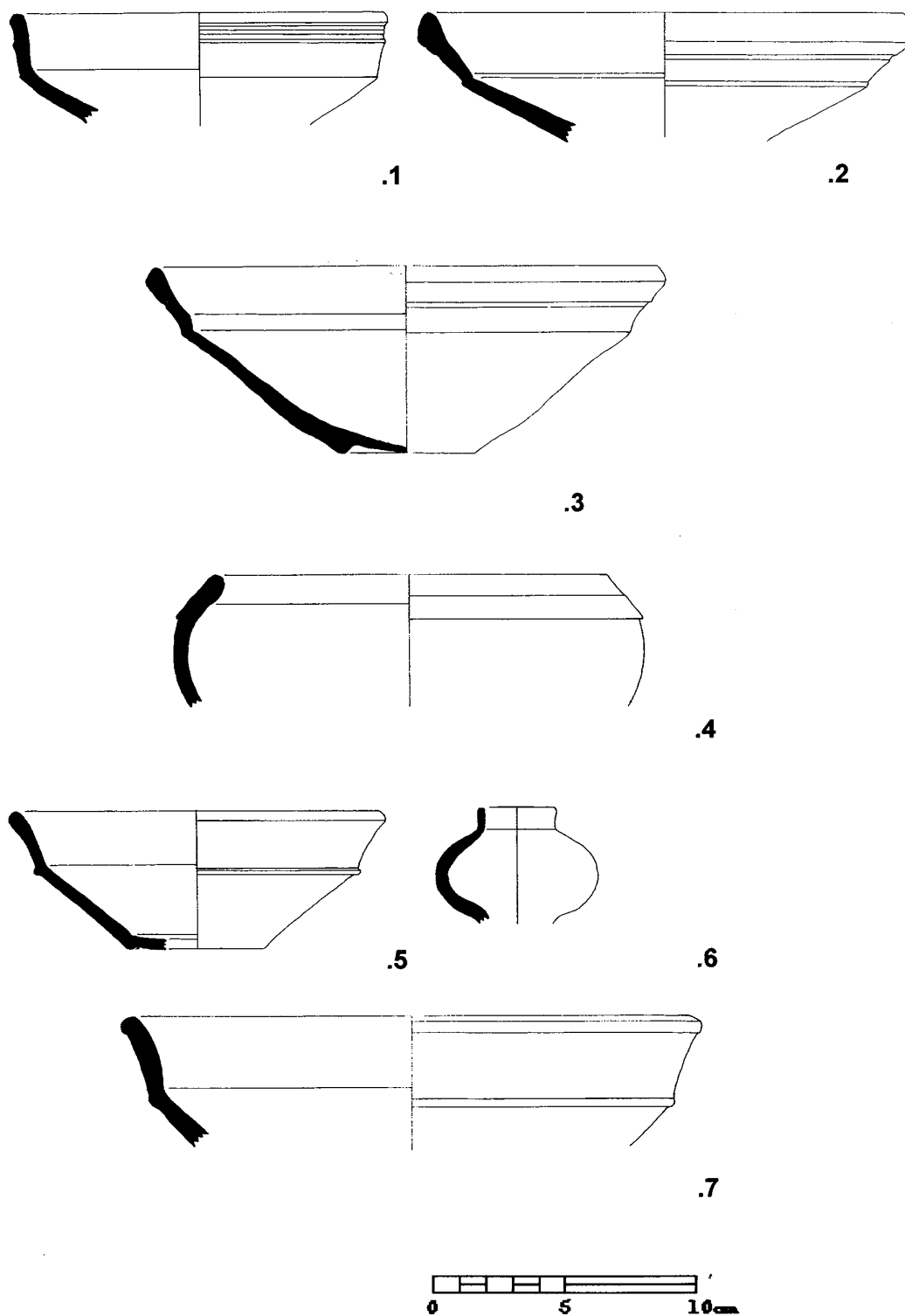


Fig. 8 - Cerâmica vermelha (tipo Ovar/Aveiro).

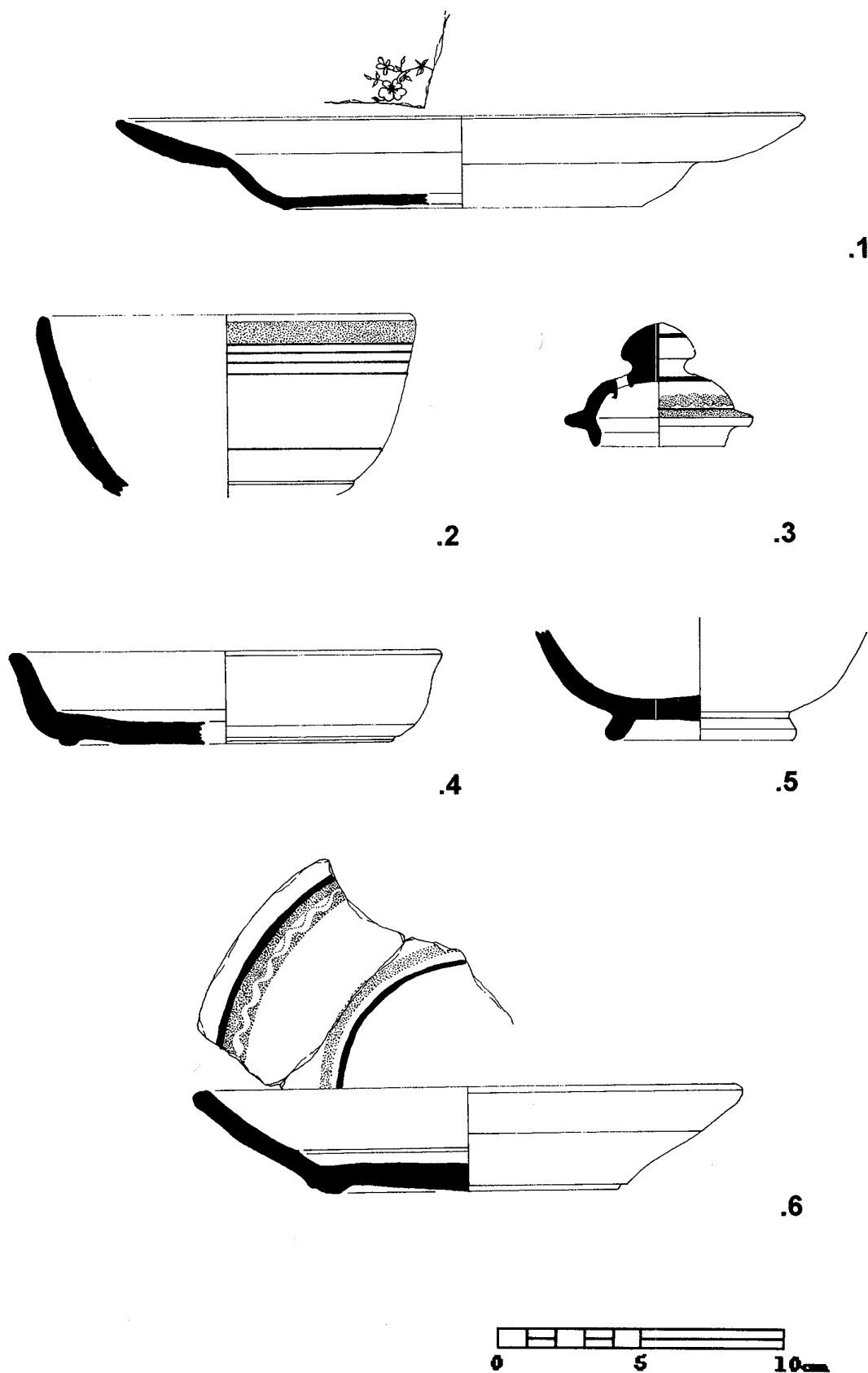


Fig. 9 - Faianças.

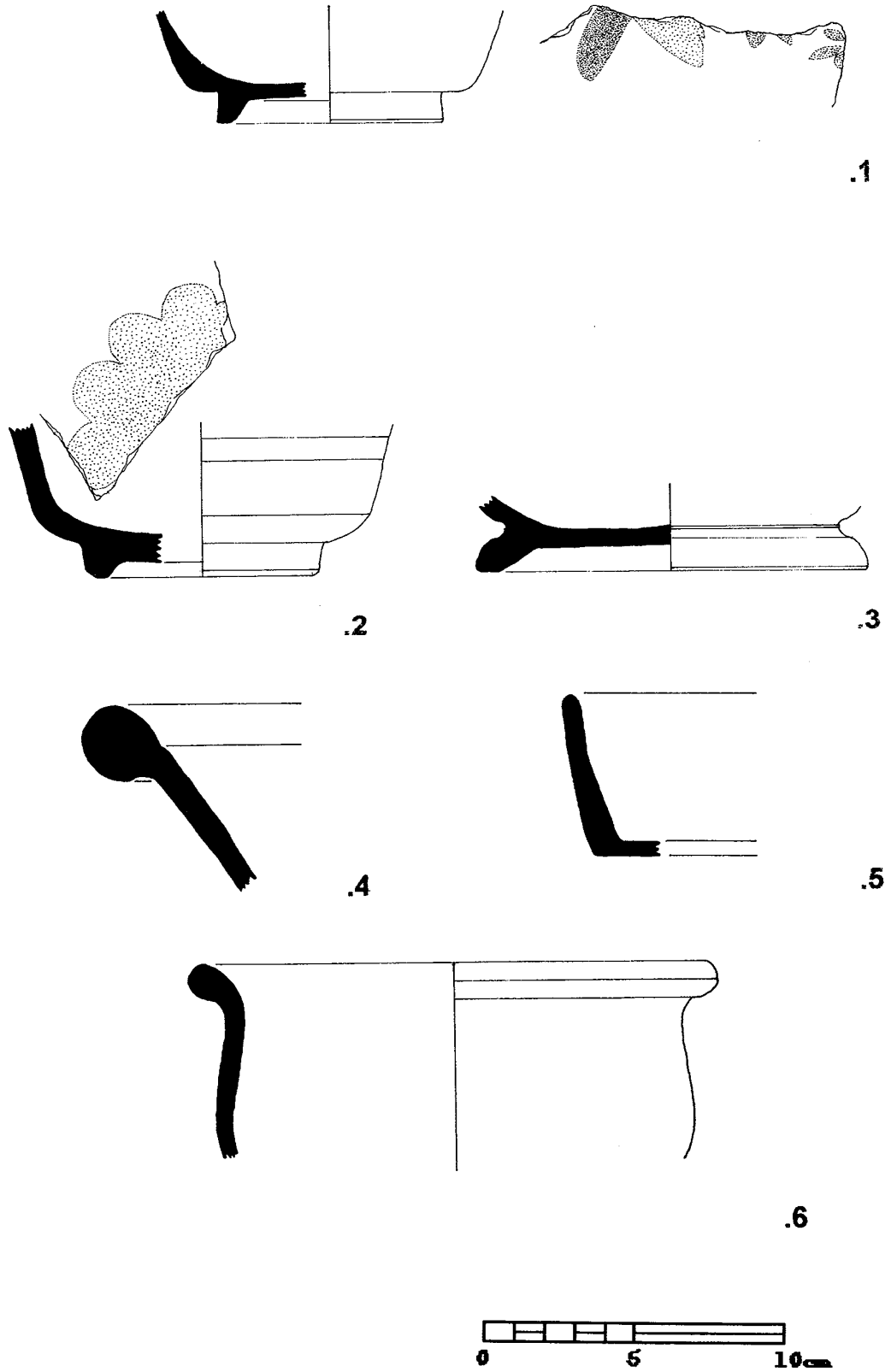


Fig. 10 - Faianças.

UMA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NAS PORTAS DE BRAGA DA VILA DE PONTE DE LIMA

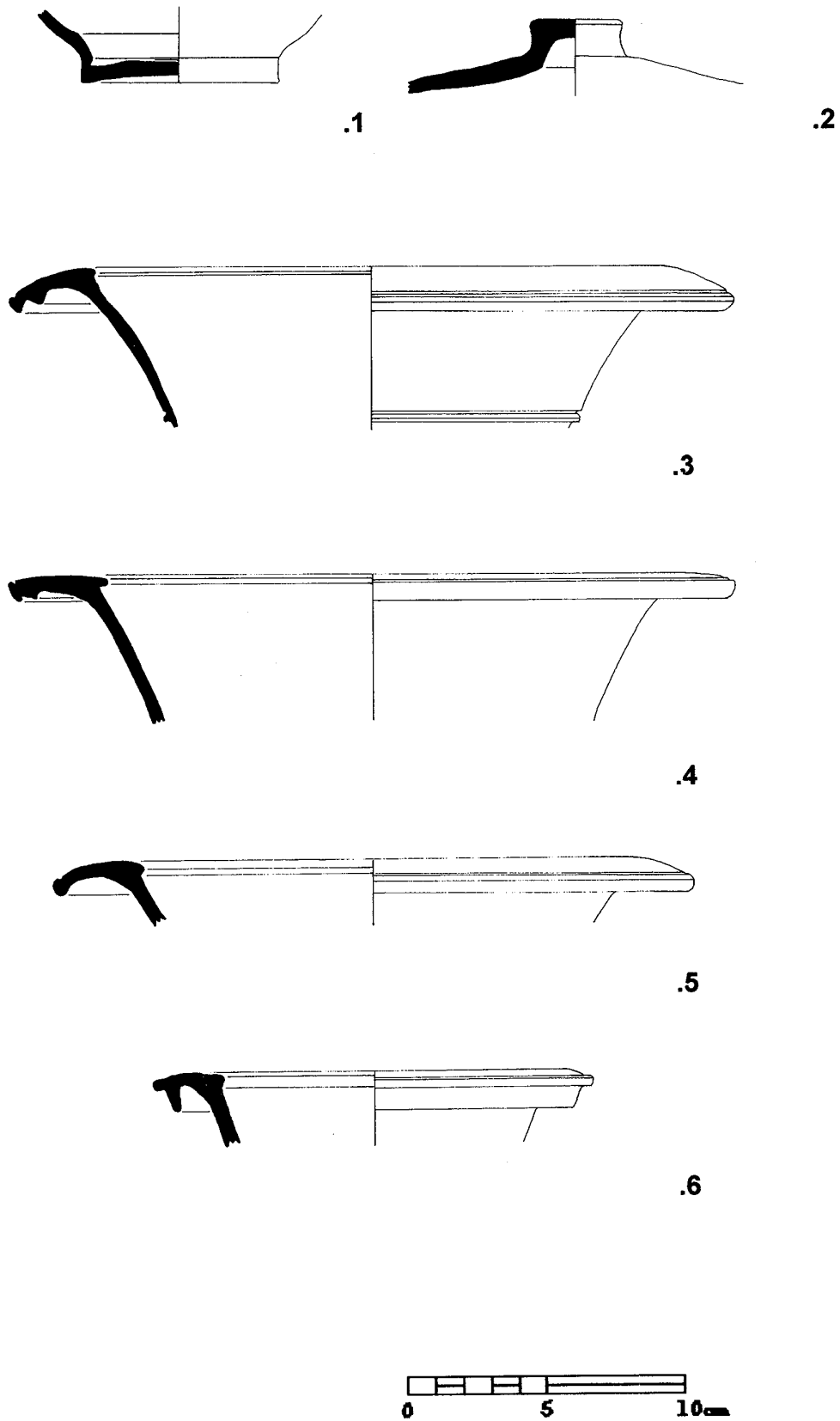
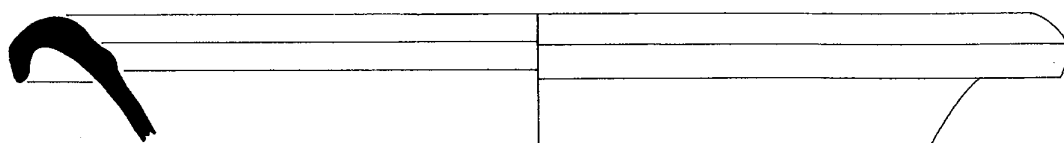
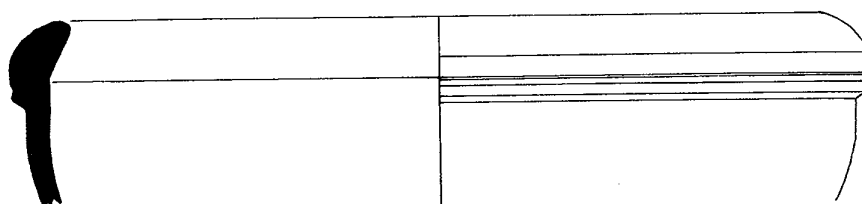


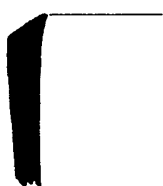
Fig. 11- Cerâmica fosca não vidrada.



.1



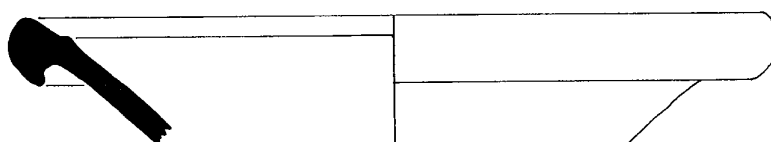
.2



.3



.4



.5



.6

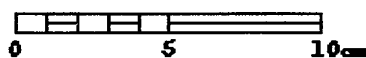


Fig. 12 - Cerâmica vidrada de chumbo.

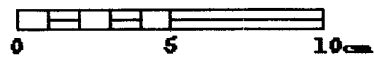
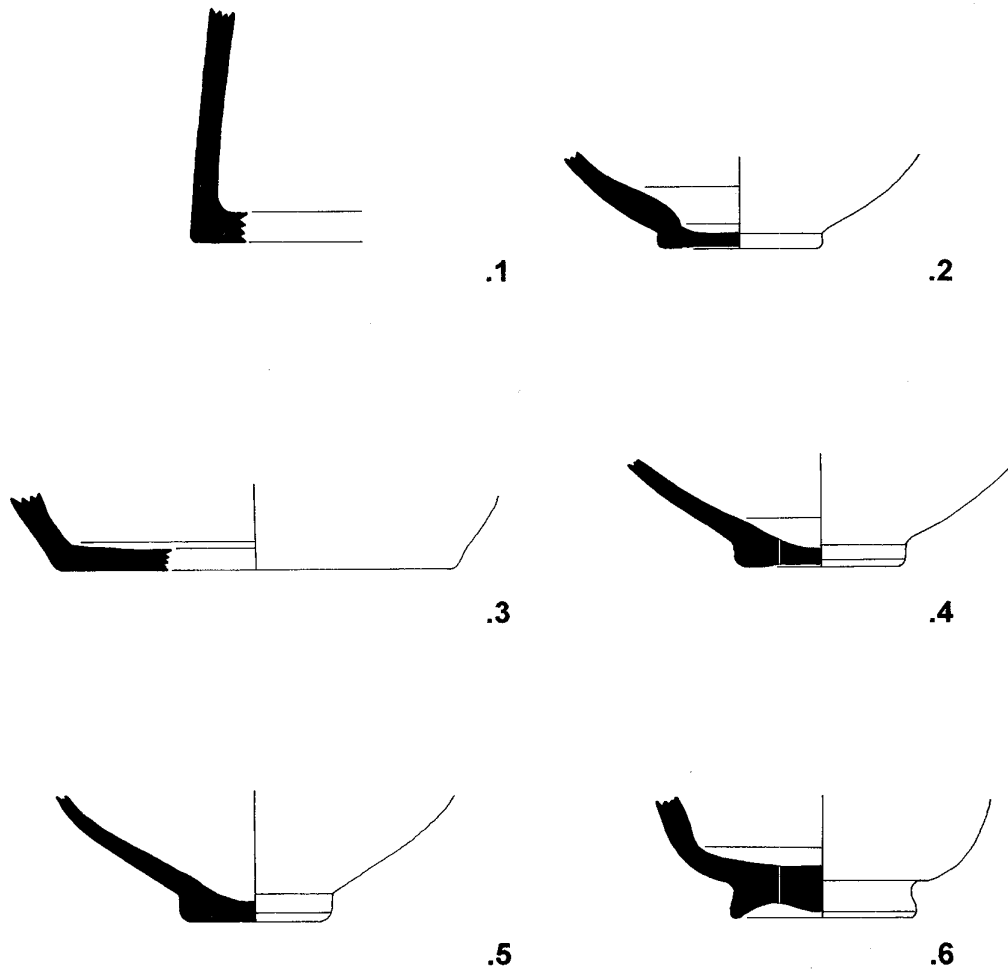
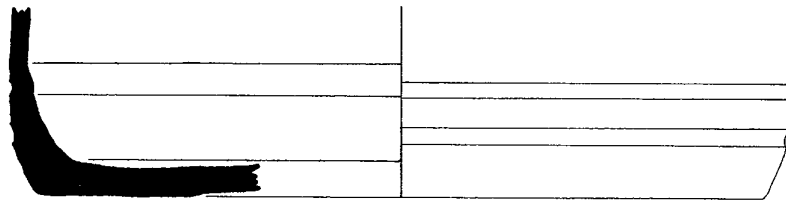
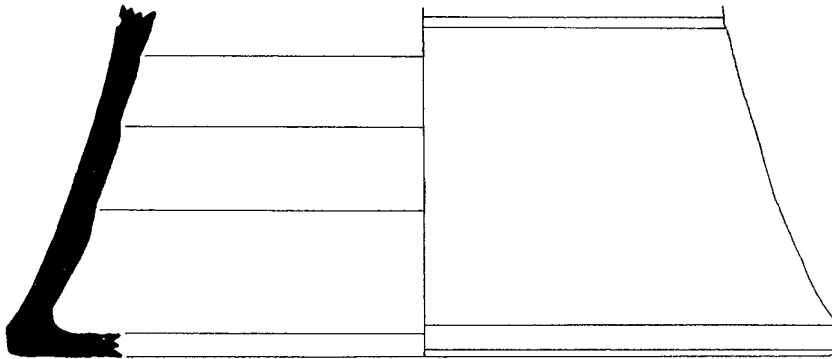


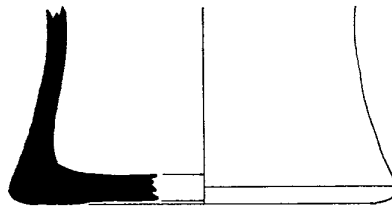
Fig. 13 - Cerâmica vidrada de chumbo.



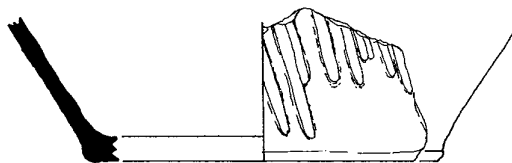
.1



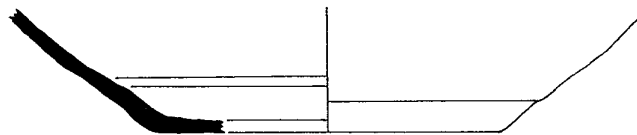
.2



.3



.4



.5

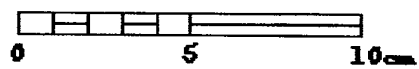


Fig. 14 - Cerâmica vidrada de chumbo.





Fig. 15.1 - Muro de casa agrícola



Fig. 15.2 - Muro de divisão de propriedade.



Fig. 16.1 - Estrutura de lagar vinário com *felum*.

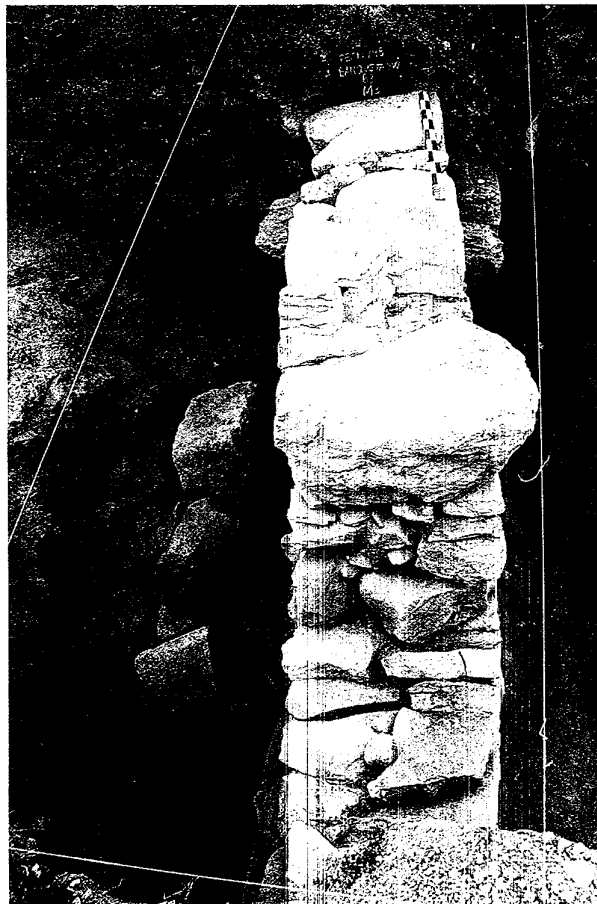


Fig. 16.2 - Muro de estrutura agrícola.